

Amélio Vaz

Vida Caiçara:

ISTÓRIAS I CAUSUS
DI MESTRI AMÉLIU VAZ



Mestre Amélio Vaz

Muito honrados recebemos o convite para apresentar *Vida Caiçara: histórias i causus di Mestri Améliu Vaz*, seu segundo livro. Lemos os seus escritos e poemas e relemos outras tantas vezes. E chegamos a uma conclusão. Este livro não necessita de Apresentação. Ele se apresenta por si mesmo e seu autor, paratiense, conta em sua história as próprias estórias dos muitos moradores de praias e terras da linda Paraty. Com uma grande qualidade, Amélio não se deixou influenciar pela modernidade nem pelo turismo. É uma narrativa pura e pessoal das dificuldades e da maneira de sentir, viver, cantar e fazer poesia, sem se preocupar com regras nem literatura livresca. É uma narrativa de um brasileiro autêntico, feliz, que assim traduz em versos e textos em prosa sua vida de caiçara que veio para a cidade, onde hoje podemos encontrá-lo.

Cantador de Folias de Reis e do Divino – foi assim que o conhecemos há muito tempo atrás, em nossas pesquisas. Foi nosso Mestre em informações, cantorias e danças. E muito lhe agradecemos as lições..., “com os pedidos de licença para nas casas entrar”.

Mas este livro tem uma missão: deve ser lido nas escolas, pelos jovens, para que, em um futuro próximo, não se perca o sabor da sabedoria caiçara tão valorizada e preservada por Mestre Amélio Vaz.

Parabéns, Mestre, pelo livro, pelas lições e estórias que precisam ser conhecidas pelo Brasil. Continue escrevendo e contando tudo o que sabe. Há muito ainda para narrar sobre as estórias desta linda Paraty, sua terra e sua gente.

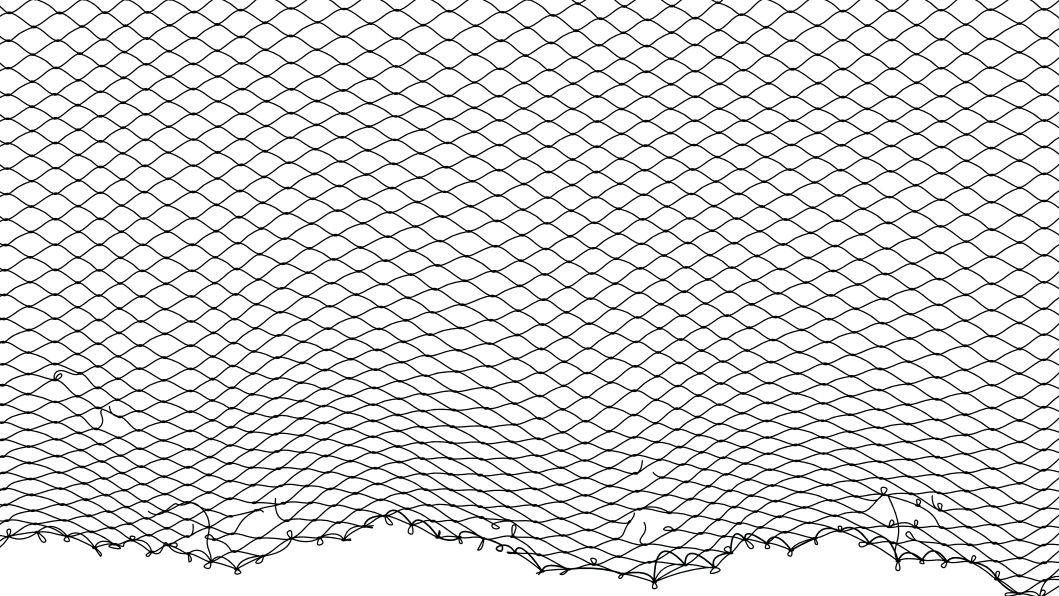
Dos amigos e admiradores,

Thereza e Tom Maia
(Paraty, março de 2017)



*Honradus amigus leitoris
Licença queru pedi
Queru cumprimentá
U povu di Paraty
Com us versu dessi livru
Vamu nus diverti*

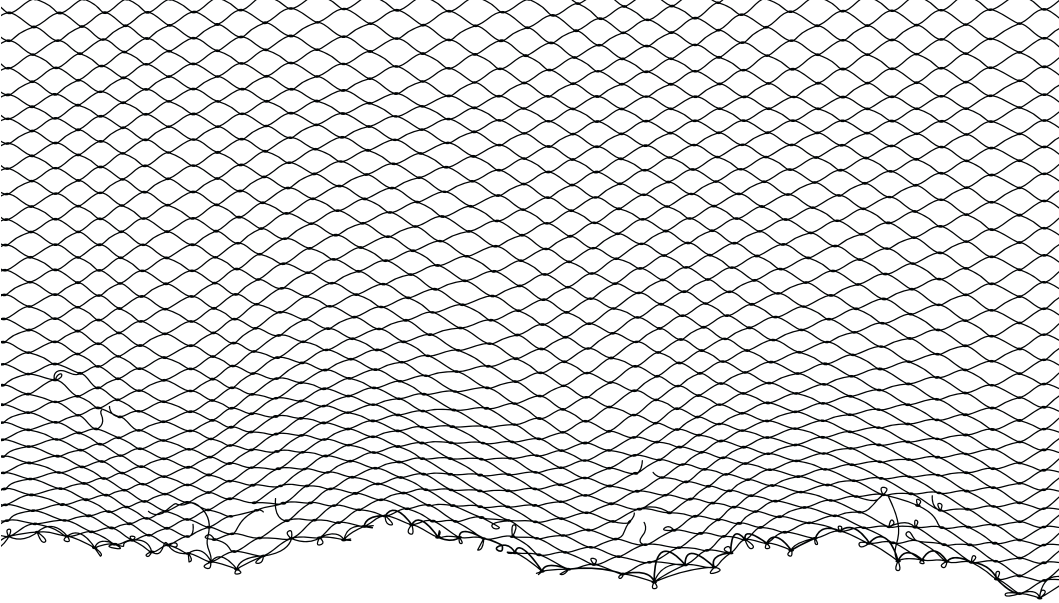
Mestre Amélio Vaz



Améliu Vaz

Vida Caiçara:

**ISTÓRIAS I CAUSUS
DI MESTRI AMÉLIU VAZ**



Amélio Vaz

Vida Caiçara:

ISTÓRIAS I CAUSUS
DI MESTRI AMÉLIU VAZ

2ª edição
Paraty - 2022



Organização
das Nações Unidas
para a Educação,
a Ciência e a Cultura



Paraty – Cultura
e Desenvolvimento
Patrimônio Mundial em 2019



Organização
das Nações Unidas
para a Educação,
a Ciência e a Cultura



PARATY
CIDADE CRIATIVA
DA GASTRONOMIA



PREFEITURA
PARATY
CIDADE PATRIMÔNIO DE TODOS
SECRETARIA DE CULTURA



SISTEMA MUNICIPAL DE
CULTURA
DE PARATY



só Off
Flip

Copyright © 2022 herdeiros do Autor

Revisão e estabelecimento do texto | Ovídio Poli Junior

Na revisão feita para esta edição, foram mantidas as características do dialeto do autor (nos textos de sua autoria)

Diagramação e projeto gráfico | Mariana Poli

Ilustrações | Elison Fernandes

Fotos | acervo da família

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Vaz, Amélio

Vida caiçara: histórias i causus di mestri Amélio Vaz / Amélio Vaz.

Ilustrações Elison Fernandes. 2ª ed.

Prefeitura Municipal de Paraty. Paraty: Selo Off Flip, 2022.

168 p.: il.

ISBN 978-65-86918-14-4

1. Vaz, Amélio – Biografia
2. Literatura brasileira
3. Poesia brasileira
4. Caiçaras - Brasil - Paraty (RJ)
5. Cultura - Paraty (RJ) I. Título

22-0846

920.71

Índices para catálogo sistemático:

1. Vaz, Amélio – Biografia

CDD

Selo Off Flip Editora Ltda.

selo@selo-offflip.net

www.selo-offflip.net



*Aus meus amigus leitoris,
desculpi pela filosofia.
A language podi está boa,
mais não tenhu caligrafia.
Eu precisu consultá
u livru da sabedoria.*

(Mestre Amélio Vaz)

Dedicu esti livru aus legítimus caiçara qui não tiveram oportunidadadi di contá suas istória. Também dedicu essa istória à minha neta Pamela qui agilizô i organizô esta obra.



AGRADECIMENTUS

Primeru agradeçu a Deus pur mi dá sabedoria i humildadi pra relatá essa minha istória di vida.

Meus agradecimentus aus amigus di muitus anus i escritoris Thereza i Tom Maia pur terem contribuídu na escrita dessi livru enviandu grandi ensinamentu.

Aus grandis companheru di tocadas. Fernandu pelu textu qui enviô com muita seriedade i sabedoria. Deu muita alegria i um incentivu muitu grandi. Marcelu com seu textu muitu lindu, com frasis muitu bem adequadas. Cauã qui com humildadi enviô um texto muitu bonitu também.



APRESENTAÇÃO

É uma grande satisfação apresentar esta nova edição do livro de Mestre Amélio Vaz, com a qual se espera alcançar o público mais amplo que tanto merece. Suas *istórias i causus* são um singelo e engenhoso relato, em prosa e verso, a contar sua experiência de vida, que acaba por constituir um rico e singular retrato do tradicional modo de vida caiçara em Paraty.

Das dificuldades de sua infância na Graúna nas décadas de 1930-40, o itinerário que seu relato daí em diante traça por mais de meio século é também o da história do município: nesse momento de seu maior isolamento e pobreza, ir buscar trabalho fora, em Santos, corresponde ao movimento de tantos jovens da cidade, que sofreu um decréscimo populacional considerável por toda essa época. O apego às raízes, entretanto – que se manifesta com toda sua força na transmissão entre gerações da tradição oral das músicas, danças e rituais a integrar os xibas (bailes) com a ciranda e as Folias de Reis e do Divino, às quais desde pequeno se integrou – o fez voltar.

Segue-se um período quase idílico, do fim da década de 1950 a meados da década de 1970, em que, apesar das dificuldades sempre presentes, constituiu família e construiu sua casinha na Prainha da Praia

Grande, onde o mar e a areia eram o belo quintal para suas filhas brincarem. Uma canoa, e depois sua amada baleeira *Minerinha* garantiam não só o sustento pela pesca como ainda as excursões e piqueniques da família às ilhas e comunidades vizinhas espalhadas pela costeira, participando sempre de cantorias e bailes.

Interessante notar que até nas fotos que a família reuniu para o livro há a presença de um *turista* (seu Boris), parte já da redescoberta de Paraty com a abertura da Paraty-Cunha; menos benignas e bem mais intrusivas seriam as obras da Rio-Santos, inicialmente com suas explosões no morro tão próximas. E o processo de construção da estrada – com tudo o mais que trouxe – acabou levando Mestre Amélio a trocar sua morada na Prainha em 1976 por uma casa no centro urbano em expansão de Paraty, deslocamento comum a inúmeras famílias caiçaras da costeira, que de suas terras ancestrais se transferiram aos novos bairros que precariamente foram se constituindo em torno da cidade original. De pescador, Mestre Amélio se viu reinventado como comerciante, assumindo uma banca na feirinha da cidade – onde, à parte os produtos trazidos da roça, que revendia, especial sucesso fazia o pé de moleque em sua versão paratiense (doce feito com melado, farinha de mandioca e gengibre) na receita específica por ele aprendida com a família, e aprimorada.



A primeira edição deste livro (organizado por sua neta Pamela Vaz Rodrigues dos Santos), em tiragem pequena que logo se esgotou, foi lançada na Casa da Cultura de Paraty em 27 de abril de 2018, com a presença de Mestre Amélio, aos 84 anos, na abertura da exposição a ele dedicada. Uma noite festiva em que para homenageá-lo e celebrar sua alegria de viver reuniram-se familiares, amigos, seus velhos colegas de cantoria e os jovens discípulos que tanto aprenderam com ele, e uns tantos paratienses mais, tudo terminando em animada ciranda.

Esta nova edição é uma iniciativa da Prefeitura Municipal de Paraty, por meio de sua Secretaria de Cultura e Conselho Municipal de Políticas Culturais, inscrevendo-se nas diretrizes previstas pela **Convenção da UNESCO**, a qual define em seu artigo 2º *“por ‘salvaguarda’ as medidas que visam garantir a viabilidade do patrimônio cultural imaterial, tais como a identificação, a documentação, a investigação, a preservação, a proteção, a promoção, a valorização, a transmissão e revitalização deste patrimônio em seus diversos aspectos”* – que, já antes seguidas pela municipalidade em relação a seu patrimônio, se fazem ainda mais presentes desde sua inscrição na Lista do Patrimônio Mundial da UNESCO em 2019.

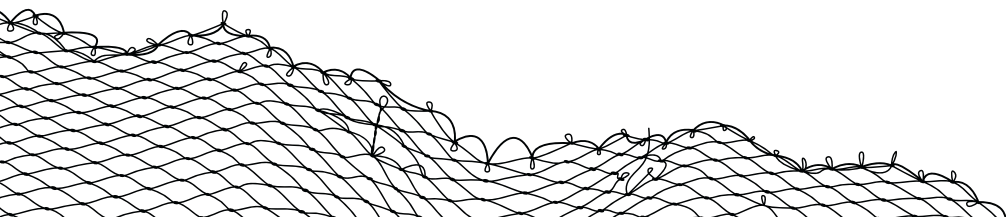
Com efeito, cabe apontar que a reedição de *Vida Caiçara: histórias i causus di Mestri Améliu Vaz* atende

a pelo menos duas das metas previstas no **Plano Municipal de Cultura 2019-2029**, aprovado na IV Conferência Municipal de Cultura e sancionado como a Lei Municipal 2.218/2019, a saber: a meta 8 no item 2.1.3 do Anexo I (Setorial Livro, Leitura, Literatura e Bibliotecas): *Incentivar a produção literária e a publicação de autores locais*; e a meta 5 do item 2.4.7 do Anexo I (Setorial Patrimônio Histórico e Cultural): *Reconhecer e valorizar os Mestres, Griôs e os de Notório Saber*. Por assim validada, esta reedição pôde então contar com todo o apoio do Conselho Municipal de Políticas Culturais, o qual aprovou o uso dos recursos necessários do Fundo Municipal de Cultura para a sua realização.

Este livro propõe-se, portanto, a ser a publicação inaugural de uma série de livros tanto de autores locais quanto, em diferentes formatos e abordagens, dedicados a diversos aspectos da nossa história e à salvaguarda do patrimônio cultural de Paraty.

Cabe enfim desejar boa leitura, respeitando as sábias palavras de Mestre Amélio: *porque só us leitoris qui podi imaginá*.

José Sérgio Barros
Secretário de Cultura de Paraty



SUMÁRIO



PARTE I - ISTÓRIAS DI UM CAIÇARA: ASSIM COMEÇA MINHA TRAJETÓRIA

- 16 *Breve apresentação* (por Pamela Vaz Rodrigues dos Santos)
- 18 *Capítulo 1* Eu, menino: minha dura vida na roça
- 28 *Capítulo 2* Canturias caiçara: meus primerus passu
- 32 *Capítulo 3* Eu, jovem: trabalho em Santos
- 38 *Capítulo 4* Eu, adultu: a dureza da vida i as canturia continua
- 42 *Sítu Engenhu Velhu: lida dura na fazenda*
- 42 *Minha Prainha Grandi, sempre u meu lugá:
minha nova família*
- 46 *A infância das filha na Prainha Grandi:
vivenças di tempus felizis*
- 46 *Ana Maria*
- 47 *Marina*
- 49 *Maiza*
- 52 *Maria Aparecida*
- 55 *Benedita*
- 57 *Silene*
- 64 *U pescadô i as noiti em altu-mar*
- 74 *Chegada na Chácara da Saudadi. Minha barraquinha na
ferinha i grupus di tocada. Ah, qui saudadi da Prainha!*



**PARTE II - MINHAS SABEDURIA:
ENSINAMENTUS DI UM MESTRI CAIÇARA**

- 80 *Breve apresentação* (por Pamela Vaz Rodrigues dos Santos)
82 *Capítulu 5* Eu, intitulado mestri
84 Us grandis mestris i contramestris di canturias caiçara
84 A contribuição destes artistas à cultura popular paratiense
(por Pamela Vaz Rodrigues dos Santos)
86 Mestris
87 Contramestris
88 U reconhecimento das minha sabedoria como mestri caiçara
90 *Capítulu 6* A inspiração i us versu:
sentimentu i lembrança du fundu du coração
94 *Capítulu 7* Nova geração di ciranderus: prazê di ensiná
sabedorias caiçara
95 Palavras du mestri
96 Palavras da nova geração - Cauã Cruiz (ciranderu)
98 Marcelu Alcantara (ciranderu)
99 Fernandu Alcantara (ciranderu i rabequeru)
101 Ensaio na residência de Mestre Amélio Vaz
103 Aula de Pandeiro na Casa da Cultura de Paraty (2015)



**PARTE III - CAIÇARA: MISTURA DU BRANCU,
DU NEGRU I DU ÍNDIU**

- 106 *Breve apresentação* (por Pamela Vaz Rodrigues dos Santos)
108 *Capítulu 8* U povu caiçara:
costumi i tradição qui vem da micigenação
112 U modu di vivê dus caiçara
113 Us alimentu dus caiçara
117 Danças di orige africana
121 Danças di orige portuguesa
123 Folias di Reis i du Divinu
134 Curas caiçara Benzimentus i reza (sabedorias indígina)
135 Ervas i homeopatia (sabedorias africana i portuguesa)



**PARTE IV - CAUSUS CAIÇARA:
ISTÓRIAS DI DIVERTIMентU NA ROÇA**

- 140 *Breve apresentação* (por Pamela Vaz Rodrigues dos Santos)
142 *Capítulu 9* Causus di pasquim: u noivu i u dinheru em Santus
146 *Capítulu 10* Causus di foliãos
147 Folião i a pamonha
148 Folião i u milagri di Santa Cruz
149 Folião i u tempu di chuva
150 Folião i u patu
151 Folião i u versu
152 Foliãos, duas bandera i a fita
154 *Capítulu 11* Causus di caçadô
155 Caçadô di veadu: a grandi caçada
156 Caçadô i u caroçu nu pescoçu
158 *Capítulu 12* Causus di xibas
159 Dançadô i a aranha
160 Dançadô i a calça caída



**PARTE V - VIDA DI UM CAIÇARA:
ASSIM ENCERRU MINHA ISTÓRIA**

- 164 Ao mestre com carinho e amor: a história por trás das estórias
(por Pamela Vaz Rodrigues dos Santos)
166 Minha mensagem final aus amigos leitoris

- 167 *Amélio da Silva Vaz* (por Pamela Vaz Rodrigues dos Santos)
168 Ficha Técnica | Secretaria Municipal de Cultura de Paraty

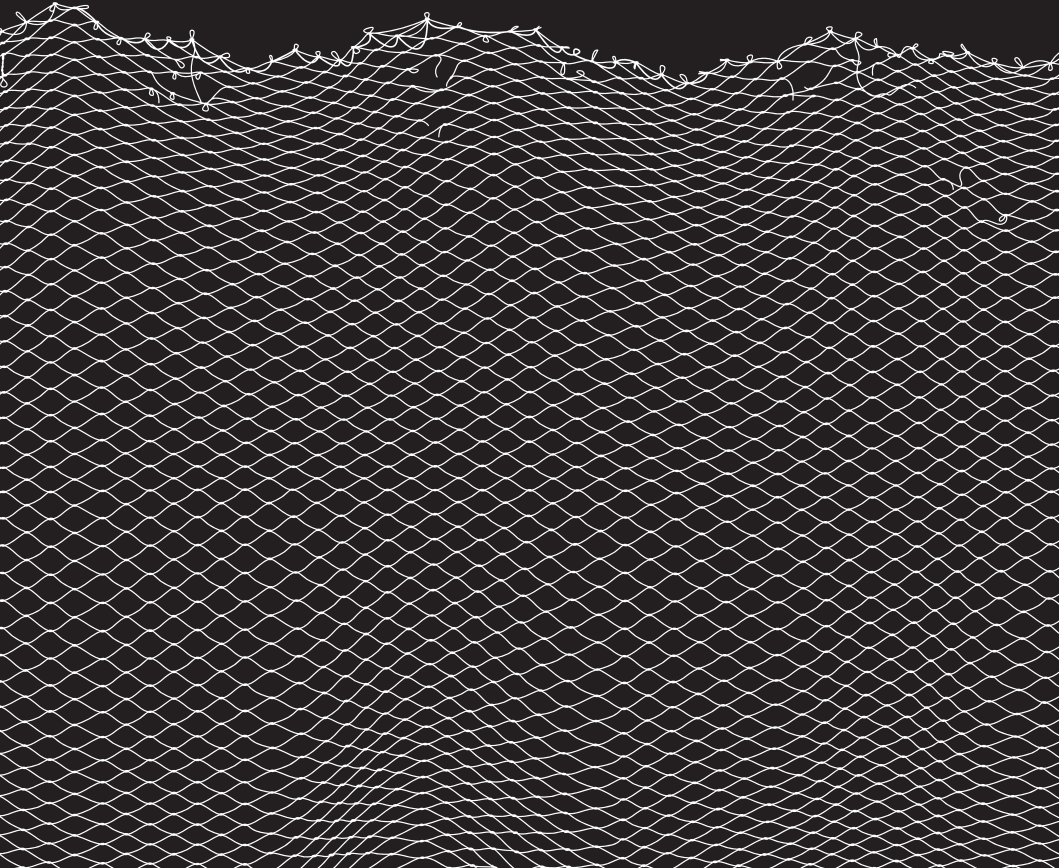


ISTÓRIAS DI UM CAIÇARA: ASSIM COMEÇA MINHA TRAJETÓRIA

*Senhoris peçu licença
na alta sociedadadi.
Também peçu desculpá
minha poca habilidadadi.
Eu wô contá minha istória,
qui está em minha memória
com grandí simplicidadadi.*

(Mestre Amélio Vaz)

PARTE I



BREVE APRESENTAÇÃO

Todo indivíduo escreve sua história de vida ao longo de sua trajetória. Porém, algumas dessas histórias são vividas e não registradas. Já outras, deixam registros que se perpetuam no decorrer dos séculos.

Esta parte do livro busca justamente deixar o registro da vida difícil e simples de um caiçara. Amélio da Silva Vaz apresenta suas vivências com riqueza de detalhes em prosa e verso, permitindo que o leitor também se sinta parte das histórias experimentando cada passagem da vida caiçara paratiense dos anos 1940.

O menino pobre da Graúna deparou-se com a dificuldade de sobrevivência num contexto de muita pobreza. Conforme citado ao longo desta primeira parte do livro, tudo era escasso, mas os moradores viviam com a sabedoria de aproveitar o que a natureza lhes oferecia.

Apesar da dura realidade, os moradores se divertiam nos xibas, também chamados de fuzacas, que foram palco de muitos *causos*, alguns citados ao fim desta obra.

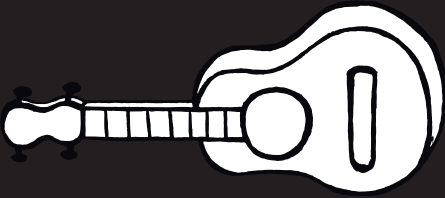
Foi nesses bailes que o menino, levado pelo pai, tocador de jongo, começou a tomar gosto pelas cantorias. Mas a vida dura diante da pobreza

continuou na adolescência, quando migrou para Santos trabalhando na lida da fazenda, e na Prainha, quando constituiu nova família com Maria da Glória, tornando-se pescador e lavrador.

O que se espera com a escrita dos capítulos é mostrar a importância da influência dos sábios detentores dos conhecimentos das cantorias caiçaras no processo de formação e de amadurecimento da aprendizagem do menino e do jovem cantador de xibas e de miudezas que acabou se tornando, com grande sabedoria, mestre e folião de reis.

Pamela Vaz Rodrigues dos Santos

(neta de Mestre Amélio Vaz)



Capítulu 1

EU, MENINU: MINHA DURA VIDA NA ROÇA

*Amélio da Silva Vaz,
seu amigu i seu criadu,
é u meu nomi pur extensu
assim fui registradu.
Sobrenomi di minha mãe,
meu pai não era casadu,
pur issu peçu desculpa
se estivé falandu erradu.*

(Mestre Amélio Vaz)

Sô filhu di Elisa da Silva Vaz¹ (02/10/1907) i Manuel Beneditu di Alvarenga² (17/06/1900). Si casaram em 1928 i tiveram seis filhu: Olímpiu, eu, Zezinhu, Humbertu, Paulinu i Beneditu. Dessis seis, cincü era cantadô i tocava instrumentu. Inclusivi um delis é compositô.

Minha mãe naceu nu sítiu Engenhu Velhu i era doméstica. Meu pai naceu na Graúna em um lugá denominadu Cruiz di Ferru, pur causa di uma cruiz fincada em *badrami*³, mais pru povu di lá era conhecidu comu buracu. Trabalhava na fazenda. Si não mi enganu, começô com oitu anus di idade pra podê ajudá a sustentá us irmão.

A gente era muito pobri. Sabi u qui é pobreza? Não tinha nada, faltava tudu. A nossa casa era bem simplis. Era coberta di sapê, pau a piqui barreadu i chão batidu. Pur dentru não tinha muita cousa. Na cozinha, um fogão di lenha i um fornu di torrâ farinha. Na sala, uma mesa só. Nu quartu, uma cama di casal du papai i da mamãe. I us filhu durmia nu chão. Não tinha cama i nem coberta pra nós si cobri.

1 “Era uma mulher calma e boa. O apelido dela era dona Pequena, porque era baixinha. Dona de casa, cuidava dos filhos, do vovô e da casa. Também trabalhava na roça junto com o vovô”. (Maiza, filha de Mestre Amélio Vaz e neta de dona Elisa Vaz)

2 “Era uma pessoa mais temperamental. Era também uma pessoa boa, mas era mais difícil conviver com ele, porque tinha gênio rude. Mas gostava de servir as pessoas. Era um homem trabalhador”. (Maiza, filha de Mestre Amélio Vaz e neta do Sr. Manuel)

3 Muru di pedra com cal, areia i óleu di baleia. (Mestre Amélio Vaz)

Uma vez, eu e meu irmão Olímpio tava dormindo em cima de duas folhas de janela rústica e a onça quase atacou a gente. E só não atacou por causa de um cachorro caçador que nós tinha. Pra si ter uma noção da dificuldade, quando nascia uma criança, não tinha berço, era uma rede de taquara⁴. Pra tomar banho era uma gamela de madeira. Tinha escassez de roupa e de alimento. A gente comia feijão puro com farinha, às vezes peixe cozido. O café era de cana do mato com paçoca de banana verde.

Pra vim fazer compra no Centro da cidade, a gente vinha de pé. Era duas horas de caminhada. Quando tinha muita lama, a gente lavava o pé no rio Jabaquara, calçava o tamanduá de madeira e continuava a caminhada.

A gente saía cedo, pra não voltar tarde, porque era cansativo. Naquela época o comércio tinha armazém de secos e molhados. Se vendia cereal, milho, feijão e café. Os mais conhecidos eram do Tiburço, do Valdemar na rua da praia, do Paschoal na cabeceira da ponte do Pontal, do Leontino Melu, do Juca Rosário, Rancho dos Paulista, na rua da pedreira. Tinha as padarias do Durval, do Conti e do Joãozinho Calixto que hoje é a padaria Esperança e a gente geralmente tomava café lá quando vinha pra cidade.

⁴ Tipo de bambu agigantado que dá em mata virgem e tem cores diferentes.
(Mestre Amélio Vaz)

U transporti era basicamenti pur terra, a pé, o pur mar, di canoa. Às vezis as pessoa evitava di vim di canoa pur causa da tormenta di ventu. Tinha qui vim di madrugada, voltá cedu i embrulhá bem com lona u qui trazia pra não encharcá. Até 1952, u caminhu era pur trilha pra vim até a cidadi, depois foi aberta a estrada municipal i começô a passá ônibus qui ia até Tarituba, quando u tempu tava bão.

Em 1939 eu entrei na escola da Praia Grandi junto com meu irmão Olímpiu. Tivemu seis meses di aula só. Ficamu ausenti até 1943, porque a genti não tinha condição di comprá uniformi. Também era longi, uma hora i meia di caminhada, tinha perigu. Com seis anos trabalhava na roça. Limpava, plantava i colhia.

Todus us ceral qui era produzidu, a genti carregava nas costa i caminhava uma hora. Trazia trinta, quarenta caxas di banana i colocava em local mais pertu da Praia Grandi, na tia Luzia, protegidu dus animal. Antis di abri a estrada municipal, nós subia i decia u morru grandi, muito inclinadu, conhecidu hoji comu Toca du Pastel. Nu dia du embarqui, a genti buscava i decia pru portu, porque não tinha lugá pra guardá lá nu portu.

Em 1943, com dez anos, uma professora tevi lá em casa, matriculô eu i meu irmão Olímpiu. A genti já tinha uma certa noção di leitura. Então, botaram nós na segunda séri.

Eu sei lê corretamenti.
Façu conta di somá.
Sô batuta em dividi.
Gostu di multiplicá.

Em 1945, recebemu u diploma du terceru anu primáriu. Ainda mi lembriu di um poema muito bonitu qui fala das beleza du nossu Brasil qui aprendi numa cartilha i diz assim:

Perguntei au céu tão lindu
por que é todú cor di anil.
Ele mi disse sorrindu
eu sô u céu du Brasil.

Perguntei au sol então
a causa di tanta luz.
Sô a glorificação,
da terra di Santa Cruz.

Aí eu disse à floresta
és tão bela i verdi intera.
Ela respondeu em festa
sô a mata brasileira.

Aí perguntei às fonti
por que corre sem cessá.
Nóis brotamu dessi monti
para a terra fecundá.

Aí perguntei às avi
por que vive a cantá.
Cantamu canções suavi
pra tua pátria saldá.

Céu i sol. Luá i cantu.
Floresta i fontes mil.
Enchi di eternus encantu.
A minha pátria Brasil.

Aí, saí da escola i com trezi anus comecei a trabalhá na fazenda. Então, a situação começô a melhorá. Veiu a fartura. A genti produzia pru sustentu i também vendia. Papai plantava i a genti cuidava. Tinha muito porcu, muita galinha, muita banana, milhu, feijão, batata doci, cará⁵, mandioca pra fazê farinha com abundância entri otrus.

Mais com todú u compromissu du trabalho, tinha a hora das brincadera aus sábados i domingos com jogu di bola, di pião, di peteca, di pedrinha i di bodoqi. I quandu sobrava tempu, ainda minha vó pedia pra *bongá*⁶ uma cousa pru sustentu.

As lembrança vem com emoção, dá vontadi di chorá. Voltá nu passadu, a genti meninu vestindu calção i camisa branca, rampera, bem simplis, qui u governu dava. Comu si tivessi vivendu aqueli tempu com u conhecimentu di agora.

5 Tipu di raiz, companhera da batata doci i du inhami. Dá a raiz na cepa. (Mestre Amélio Vaz)

6 Significa na language caiçara procurá. (Mestre Amélio Vaz)

A genti era muito discriminadu na escola pur sê pobri. Muitas vezis ia com fomi, porque a mamãe obrigava a genti ir i dava graças a Deus quando tinha uma merendinha melhó.

Tudu já passei na vida.
Agora resta a lembrança.
Vem até recodação
du tempu da minha infância.
Aí é qui chega a saudadi
di quando eu era criança.

Sorria, pulava i cantava.
Andandu caminhu afora.
Não tem nem comparação,
com u tempu di agora.
As lembrança são tão tristi,
qui a genti senti saudadi i chora.

Passei fomi, passei friu
nu meu tempu di meninu.
Mais agradeçu a Deus,
porque foi meu destinu.
Di pequenu vai crescendu.
Di grandi não perdi u tinu.

Vai si indu i vai passandu
vai mi deixandu pra tráis,
só mi resta na lembrança,
u meu tempu di criança,
u passadu i nada mais.

Assim termina a história
du meu tempu lá da roça.
A genti brincava muito
sempri formandu uma troça.
Não tinha dificultadi
embora não quera i não possa.



Papai vestidu di soldadu
ao si alistá nu Exército. (1921)

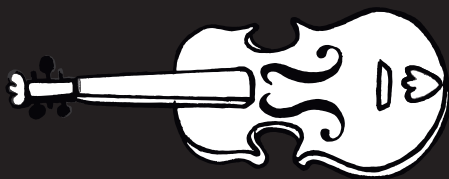


Papai com setenta i seis anos.
(1976)

E a imagem do caiçara, filho dessa terra, traduz a força de um povo sofrido pela dificuldade da vivência numa Paraty ainda muito rural nos idos dos anos 1930 e 1940, num ponto esquecido neste Brasil. Perdurarão na memória do menino aprendiz a figura do jongueiro e do tocador nos xibas (também chamados de fuzacas) que acendeu o gosto pelas cantorias.

(Pamela Vaz Rodrigues dos Santos)





Capítulu 2

CANTURIAS CAIÇARA: MEUS PRIMERUS PASSU

*Meu pai era jongueru⁷.
Era tocadô di mancheti⁸.
Também tocava panderu,
tinha lá seus maceti.
Quando eli viajava,
a arma qui eli usava,
era um pequenu porreti.*

(Mestre Amélio Vaz)

7 Dançadô di jongu. (Mestre Amélio Vaz)

8 Instrumentu artesanal caiçara di treis corda. (Mestre Amélio Vaz)

Possu dizê qui a minha influêça nas canturia veiu du meu pai. Eli mi ensinô tudu u qui eu sei. Com cincü anos di idadi eu acompanhava eli nas festa. Ondi eu não podia andá, comu lugá qui tinha cachoera, eli mi carregava nu ombru. Vinha di noiti, caminhu afora tocandu panderu i cantandu. Chegava nus xiba, mi aproximava dus tocadô i ficava prestandu atenção, ouvindu pra aprendê as letra dus versu. Nossa! Quantus versu eu aprendi ouvindu as pessoa cantá. Mais eu também tivi influêça da mamãe pra aprendê a versá. Ainda lembriu di um versu qui era assim:

Minha cumadri Saíra.
Meu cumpadri Sanhaçu.
Minha cumadri tem ropa.
Meu cumpadri anda nu.

Meu pai começô a tocá novu, porque naquela época si tocava dedi cedu, pur causa das influêça i u único divertimentu eram as fuzaca qui era us xiba. Eli recebeu influêça du avô, porque era violeru i tocadô di xiba, seu Teotôniu di Alvarenga, inclusivi, u versu deli era citadu assim:

Eu mi chamu Teotôniu,
sobrenomi di Alvarenga.
Tenhu medu di mim memu,
qui não façü uma desordi.

Sô eu qui mi deitu tardi.
Sô eu qui acordu cedu.
Sô eu qui andu juradu
nem pur issu tenhu medu.

Com dez anus eu comecei comu tripi di folia. Acompanhava as folia pela roça, já tocandu panderu. Daí começô as influênça. Em casa, us treis irmão tocava i cantava juntu. U terceru irmão tocava mancheti du papai i afinava, eu com meu irmão mais velhu tocava panderu i cantava em primera i segunda voiz.

Cantá di contramestri com mestris di reis. Fui aprendendu, prestandu atenção i com dezessete anus já cantava di mestri. Uma veiz fui na casa du seu José Daniel num xiba i fizeram a roda pra dança dois amanti, mais não acertaram, porque tinha par qui acertava i otrus erravam.

A genti era convidadu pra cantá Folia di Reis, tocá em baili. Já tinha nossu grupu i ficamu conhecidu na região. Tocava di tudu, forró, samba, pagodi i as danças folclórica.

Eu meninu, observando todus, meu tiu i u grupu deli cantandu canoas bonita, sempri pensava em ficá grandi i fazê u qui us mestris violeru fazia. Eu gostava di vê pra aprendê.

Então:

Quandu eu era bem pequenu
Já pensava em canturia
Às vezis eu tava paradu
A minha menti dizia
U meu coração soprava
Essas linda poesia





Capítulu 3

EU, JOVEM: TRABALHU EM SANTUS

*Nas andança qui andei
muitas cousa eu vivi.
Aprendi cousas difícil,
qui sempri guardei pra mim.
Pur lá fiquei treis anus
até voltá pra Paraty.*

(Mestre Amélio Vaz)

Fui pra Santus com dezesseis anos num naviu pur nomi di Fluminensi I, saindu di Paraty uma hora da tardi, chegandu sete hora da manhã. Era a única condução, mais já tinha tidu otrus na linha, na carrera. U primeru si chamava Irati, u segundu era Piraí i u terceru era Aspiranti. Di 1955 em dianti abriu a Istrada Paraty-Cunha i começô a rodá um ônibus qui fazia u trajetu pra São Paulu i depois pra Santus. Aí acabô a penúria.

Mais o menus em 1924/1925 meu pai foi pra Santus a pé pra trabalhá na lida di banana i ganhá dinheru pra casá. Aí, comprô u ternu, u vestidu da mamãe, u sapatu, u par di aliança, u chapéu i troxi u dinheru pru banqueti i pra fazê a casa.

Comecei a trabalhá em um sítiu chamado Matu Grossu, ondi tinha banana i a cana, qui elis produzia pinga. Ganhava Cr\$ 240,00 pur meis. Cr\$ 40,00 era pra pensão i Cr\$ 200,00 dividia com papai i assim ajudava a criá us otrus irmão.

Foi treis anos di trabalhu difícil i pesadu. Acordava quatru hora da manhã, lavava u rostu nu tanqui com água muito fria. Cincu hora tomava café puru com uma rosca muito ruim, i depois ia pru trabalhu. Carregava nu ombrú banana i cana, decia um morru até u elevadô qui vinha pru troli. Aí, novi hora vinha u almoçu pelu elevadô i cincú hora da tardi vinha a janta. Daí a genti voltava pru barracão, ondi

eu durmia num cochão di sacu di linhage i inchimentu di folha seca di bananera.

Tinha pocu divertimentu, mais às vezis a genti fazia canturia nu barracão du sítu. Formamu nossu grupu i cantava Folia di Reis, samba i marchinha di carnaval. U grupu não tinha denominação, era avusu, tinha us instrumentu: u violão, u cavaquinho, u panderu i a viola qui era u princípio. A gente via as pessoa qui sabia tocá i cantá i chamava. Tocava nus dias propíciu comu festa di reis i festa junina.

Tocava meu tiu Circondinu (viola), meu irmão Olímpiu (panderu), eu (panderu) i alguns companheru di trabalho: Nelzinhu (triângulu), Antôniu Siqueira (violão), meu primu Beneditu (panderu) i Beneditu Bagri (cavaquinho).

Nessa época foi qui eu comecei a firmá u conhecimento da canturia, porque eu aprendia com meu tiu Circondinu. Observava eli cantá as profecia i eu fui aprendendu a gravá us versu. Eli mi ensinava também a fazê us versu di repenti.

Tinha u trabalho duru da fazenda, mais u divertimentu dus baili i das canturia compensava. Era bebida i comiduria abundanti, muita namorada, porque a genti era muito novinhu. Nós também ia até a cidadi di Santus tocá.

Então, nu começu di 1952 voltei embora, porque u papai queria fazê contratú com a fazenda

pra lidá com plantiu di banana. A vida mudô, mais a
minha luta du trabalho duru na roça continuava.

Essa é uma das trajetória di vida qui tragu na
memória, lembranças boa i ruim, i pur issu, vô falá
atraveis dessa poesia aí embaixu.

Nas andança qui andei
muitas cousa eu vivi.
Aprendi cousas difícil,
qui sempri guardei pra mim.
Pur lá fiquei treis anus
até voltá pra Paraty.

Au chegá nu meu lugá
voltei à casinha pobri.
Pois ali sempri vivemu
não somus família nobri.
Tinha poca cousa na vida
até qui a fartura nus dobri.

Plantava cana na roça
criava porcu i galinha.
Plantava muita mandioca
tinha fornu di farinha.
Fazia muito biju
assadu, cozidu o cru.
Otru jeitu não tinha.

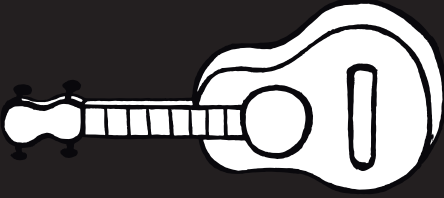


João Minguez, eu, José Velinu i Raimundu.
Companherus di trabalho em Santos (SP),
Monti Serrat. (1950)

O duro trabalho em Santos marcava no peito do jovem mestre a saudade da sua terra, das suas raízes. Vida simples e alegrada pelas danças e cantorias caiçaras.

(Pamela Vaz Rodrigues dos Santos)





Capítulu 4

**EU, ADULTU: A DUREZA DA
VIDA I AS CANTURIA CONTINUA**

**SÍTIU ENGENHU VELHU:
LIDA DURA NA FAZENDA**

*Eu naci num sítiu pobri,
numa casa di sapê.
Fica lá em Praia Grandi,
bem pra lá du Corumbê.
Um sitiozinhu desertu,
todu mundu passa pertu
i di longi niguém tê.*

(Mestre Amélio Vaz)

Chegandu nu sítu Engenhu Velhu, fui trabalhá na fazenda di contratu, dandu 1/3 du qui a genti produzia, i era muita cousa. A vida simplis continuô, i vou dizê aqui, atraveis di versu simplis, a poesia du meu tempu du sítu, qui guardu nu fundu du coração, qui é assim:

Nu lugá ondi morei,
tem um lindu tarumã.
Lá as avi si juntam,
cantam pela manhã.
É cousa di admirá
u cantu du sabiá
num lindu pé di romã.

Também tem um velhu coqueiru,
ond i posam us sanhaçu.
Gostam di fazê gorjeu
toda hora qui eu passu,
um gorjeu muito bonitu
si reúni us periquitu
i além di otrus pássaru.

É bonitu a gente vê
a dança du tangará,
u machu dança nu meu
pula pra lá i pra cá.
Rendera toca chocalhu
u capitão manda pará.

Foi nu sítiu Engenhu Velhu
qui realizei minha vida
qui apaguei minhas mágoa
i curei minhas ferida
pois eu agradeçu a Deus
minha missão foi cumprida

Lá eu tenhu minha casinha
qui mais pareci uma palhoça.
É uma casinha velha.
uma casa di roça.
É ondi tem uma varanda aberta
ondi a genti senta i almoça.

Também tem u meu engenhu
ondi moo a minha cana,
ondi façu u meu café.
Oh, qui cousa tão bacana!
Eu tomava todud dia
com paçoca di banana.

Tinha a roda di farinha
pra ralá a mandioca,
eu espremia a massa
pra tirá a tapioca.
Tudu issu eu fazia da colheita
da minha humildi roça.

Eu fazia u meu café
i tomava com farinha.
Quandu eu enjoava
era oву di galinha.
Fazia uma farofa
porque mistura não tinha.

Eu fazia u meu biju
pra tomá café.
Lá fazia sozinhu,
porque não tinha mulhé.
Uma mistura muito boa
pra tomá com colhé.

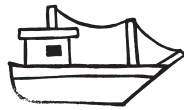
Decia caminhu abaixu
pra pegá a condução,
trazia muita saudadi,
mais tinha satisfação.
Quandu chegava em casa
tinha a recodação.

Lá dexei minha casinha,
dexei minhas ferramenta,
não passu mais pur lá
a saudadi mi atormenta.
Dá vontadi di chorá,
u coração não aguenta.

Mais nós fazia nossas canturia, meus irmão
i eu formamu otru grupu, qui era compostu por:
Zezinhu (panderu), Humbertu (panderu), Paulinu
(violão), meu primu Joaquim (viola), Zezinhu Daniel
– irmão da minha tia Maria (cavaquinhu), tiu Pedru
(viola) i Ieé (bandolim).

U falecidu Loteriu Daniel mi ensinô tudu di
folia i us costumi. Comu chegá numa casa, comu
agradecê uma mesa, comu agradecê u donu da casa,
a despedida, comu cantá num presépiu, u significadu
deli i dus versu.

Toquei muito tempo com eli. Foi um grandi aprendizadu, um grandi instrutô pra mim, nossu baluarti. Depois deli, começamu a tocá sozinhu. I eu conduzia a turma. Além da Folia di Reis, a genti tocava forró i samba. Toquei muito tempo com esse grupu i só parei depois qui foram morrendo us componenti.



MINHA PRAINHA GRANDI, SEMPRI U MEU LUGÁ: MINHA NOVA FAMÍLIA

*Naci em Praia Grandi,
num sítu pur nomi Coqueiru,
ondi tem um engenhu velhu
du tempu du cativeru.
Assim dizem us atrasadu
qui tem um poti enterradu
com alguns milhão di cruzeiru.*

(Mestre Amélio Vaz)

Conheci minha esposa em 1952 num baili na Prainha. Ela com dozi anos i eu com dezenovi anos. Conhecia ela dedi qui naceu. Tinha a paquera, mais a mãe dela não queria, porque ela era nova. Então, a genti namorava escondidu pur carta. Ficô assim até ela tê quinze anos, quandu tevi u aniversáriu dela i dexamu di namorá escondidu.

Nu anu di 1957, nu dia 9 di fevereru nus casamu. Aí, naceu nu dia 5 di dezembru du memu anu nossa primera filha, Ana Maria. Depois vieram as otras filha: Marina, Maiza, Maria Aparecida, Benedita, qui é di criação i Sileni.

Pra sustentá a genti, eu trabalhava na fazenda i na pesca. Em 1965, comprei uma canoinha di motô pequenu di um senhô da Graúna chamadu Paulu Jorgi. Quem mi ensinô a pescá foi meu sogru, seu Maciel i também seu Lotériu. Mi ensinaram a fazê redi, entralhá, remendá i a largá a redi (lançá a redi nu mar).

I saía pescandu pru sustentu da família i vendia alguns qui sobrava. Então:

Saía baía afora
pra fazê a pescaria.
Eu orava muito a Deus
i também a Virge Maria.
Si pegava muito pexi,
dava pulu di alegria.

Aí, comprei um sítio em 1960. Tinha uma casinha velha di sapê. Construimu uma casinha di madera du ladu i moramu dezenovi anus. A cozinha era a casa di sapê i a casa di madera era ondi a genti durmia.

Ali naceu as criança. Passamu muitus dia felizis, porque tinha uma casinha pra genti si agasalhá. Pescava todú dia i trabalhava na roça. Tinha fartura com muito pexi i muito camarão. Nossu quintal era a praia.

Trabalhei até 1967 na fazenda i fomos indenizadu. Com u dinheru comprei minha baliera *Minerinha*, qui mais adiante vô falá dessa grandi companhera.

A Prainha era tudu, um lá incessanti. Até hoji não parú di pensá. Era uma cousa muito linda. U batê das onda nas pedra, você durmia com aquele barulhão. As concha qui encalhavam, di todas as coris. Era nossa vida. Nossu berçu natural di morada. U modú da genti vivê era simplis. Não precisava di muita cousa. Então, mi vem a lembrança:

Minha casinha pobri
Toda feita di madera
Foi construída na praia
Pertu di um pé di aroera
Vivia eu i as criança
I também minha companhera

Quandu estava na Prainha
Eu passava sobri a areia
Coração batia forti
Sangui pulsava na veia
Ouvia as onda brami
Comu um cantu di sereia

As criança brincava na praia
Di piqui-escondi o queimada
Corriam até si cansá
Só paravam di cansada
Aí voltavam pra casa
Dandu muita gargalhada

A lua brilhava forti
Clareandu sobri u mar
Eu admirava muito
Não cessava di olhá
A obra da natureza
Dá vontadi di chorá

Esta é a minha istória
Istu é uma cousa rara
Quandu começu a contá
A vontadi não apara
Essa istória tão tristi
Da vida di um caiçara



A INFÂNCIA DAS FILHA NA PRAINHA GRANDI: VIVENÇAS DI TEMPUS FELIZIS



Ana Maria

Fui uma menina muito tímida, não tive muita liberdade pra brincar com as outras crianças, meus pais não deixavam. Quando fiquei com meus doze anos me lembro que brincava mais. Brincadeiras de roda, de pique-esconde, amarelinha, bandeirinha e outras brincadeiras.

Com meus treze anos vim pra cidade estudar, fazer o ginásio como era chamado antes, hoje Ensino Médio. Morei cinco anos da minha juventude na casa de pessoas que ofereceram moradia pra eu estudar.

Nos finais de semana voltava pra casa na zona rural. Aproveitando mais pra nadar, tomar sol e brincar com mais frequência com minhas primas e irmãs. Não tenho muita lembrança de brincadeiras. Acho que minhas irmãs tinham mais tempo de brincar e mais liberdade que eu.



Marina

Eu fui uma das filhas que não estudou muito. Fiz só até o primário. Eu trabalhava na roça com o papai. Acordava de madrugada com ele, uma hora da manhã, fazia farinha e plantava feijão. Eu ficava peneirando a massa e escutando o som dos barcos que saíam pra pescar.

A gente ia pegar lenha pra mamãe cozinhar. Aí, vinham aqueles caminhões de aterro na estrada e a gente ficava com vergonha dos motoristas e se jogava no meio do mato. Aí, desmanchava o feixe e a gente tinha que procurar o cipó pra amarrar tudo de novo. Com doze anos comecei a trabalhar fora. Lavava e

passava roupa pra ajudar em casa e comprar as coisas pra mim.

Mas eu também tinha as minhas horas de brincar. A gente cortava o cipó pra pular corda. Brincava de pique-esconde. Uma vez eu me escondi no galinheiro da vovó, mãe da mamãe, era grande e muito limpo, ela fechou por fora e eu fiquei presa até a tarde, até a hora que as galinhas queriam entrar.

A gente brincava e fazia as nossas safadezas. A gente pegava a galinha quando tava no choco e jogava no mar. Quando o papai chegava e via as galinhas tudo molhada, chegava em casa me procurando, eu ia pro quarto, pulava a janela e me escondia.

Nós éramos muito pobres. Tinha um casal de São Paulo, Delcio e Vera, eles vieram passar a lua de mel e conheceram o papai, ele levava eles pra passear e dormiam lá em casa. Vinham de quinze em quinze dias. Eles me vestiam. Traziam uma mala cheia de roupa com defeito de uma fábrica. Traziam também remédio, porque eu tinha problema de estômago. Também traziam leite e geleia de mocotó pra mim. Me ajudaram muito. Nunca estudei, mas fui feliz e dou graças aos meus pais por terem me dado a vida e a Deus também.



Maiza

Quando criança, a gente estudava numa escola na Praia Grande. Acordava, tomava café e ia pro colégio. A gente ajudava a nossa mãe em casa pra depois irmos brincar na praia. Eu gostava de brincar de casinha, junto com minhas irmãs, na areia da praia, fazendo morrinho e fincando galhos de aroeira. Ali era nossa diversão e também brincávamos de fazer comidinhas. A gente pegava tatuí e escondidos da mamãe pegávamos arroz, feijão, sal e temperos.

Nossos pais não gostavam que ficássemos na casa dos vizinhos, por causa disso eu levei um castigo do papai. Ele nunca bateu nas filhas, também não gostava disso. Um dia, ele falou pra mamãe que preferia chegar em casa e encontrar todo mundo dormindo, do que as filhas na casa dos outros.

Mas nossa vida era muito sacrificante, porque eram muitas filhas e pouco dinheiro. Tinha tipo de comida que não se comia semanalmente, era só final de semana. Às vezes, não tinha comida pra janta e a gente pegava o caniço, subia numa pedra pra pegar uns peixinhos. Aí, nós consertávamos e a mamãe fritava. Depois, como não tinha televisão, todos ficavam conversando e íamos dormir cedo. E no outro dia começava tudo de novo.

Quando adolescentes, durante o verão, nosso lazer era brincar de queimada, jogar bola, pique-esconde e banho de mar com nossos amigos aos domingos. Ficávamos de manhã até de tardezinha. No inverno já era chato, porque a água tava gelada e não dava pra brincar.

Mas a mamãe só deixava quando eu e minhas irmãs terminávamos os afazeres de casa. Por exemplo, limpar o quintal que era enorme, cheio de raízes de abacateiro, de laranjeira, pitangueira e pé de café. Aí, depois de limpo podíamos ter o lazer. Mesmo assim, levando uma vida simples com minhas irmãs e meus pais éramos felizes.

Veio a Rio-Santos e destruiu um pouco a nossa casa. Ficamos só com a metade da casa. Papai teve que fazer uma e foi mais trabalho ainda. Chegava o dia de domingo, a gente não se divertia. A gente pegava uma bacia velha, subia um morro, enchia de pedra que

estouravam pra fazer a estrada e descia o morro até ter um tanto certo pro alicerce da casa. Ficamos dois anos morando nessa casa. Aí, veio um primo nosso, meu padrinho, com um industrial de São Paulo que cismou com a nossa casa. Ficaram em cima do papai até sairmos de lá.

Vimos pra Paraty, ficamos tristes, porque o lugar era meio esquisito. Dava pra contar as casas e tinha muito mato. Brigamos com o papai e falamos: “Poxa, por que o senhor não comprou lá no Centro?” Ele falou: “Não, calma, que isso daqui vai ser cidade nova”. Ele tava certo, hoje só tem casa e ainda moramos nesse bairro. Cada uma com sua família, casamos e tivemos nossos filhos. Algumas irmãs saíram e foram morar em Taubaté e eu tô morando aqui.





Maria Aparecida

Eu sou a quarta filha legítima e a quinta contando com minha irmã do coração. Me chamo Maria Aparecida, “Cida”, tenho cinquenta e três anos, sou casada, tenho um filho e um netinho. Como não lembrar da minha infância na Prainha? Posso dizer que fui uma criança feliz, tive infância. Nós somos um total de seis filhas. Papai sempre foi presente e protetor, um pouco severo, tínhamos muito respeito e um pouco de medo dele. Ele nunca nos bateu, mas só a maneira de falar deixava a gente com medo, mas nem por isso deixamos de aprontar, e uma protegia a outra.

Eu era uma menina muito magrela, mas nadava muito bem e era terrível para mergulhar. Como nós morávamos na beira da praia, papai sempre foi um

homem muito comunicativo, então nossa casa vivia cheia de turistas, e alguns deles chegavam até a acampar no nosso quintal, que na verdade era a areia da praia. Muitos deles me apelidaram de Espoleta, ninguém me chamava pelo nome, só de Espoleta.

Todas as minhas irmãs tinham algo para fazer e quando uma acabava na frente da outra, a gente colaborava com a que estava mais atrasada para adiantar e assim poderíamos ir brincar.

As brincadeiras eram muitas, como jogar bola com os meninos. Eu sempre era a goleira. Jogava bolinha de gude, sempre dando meu jeitinho de passar a perna nos meninos. Meu estoque de bolinhas nunca acabava. No final de semana, começávamos com queimada na praia, às vezes vôlei e sempre terminávamos com a famosa bandeirinha. Valia tudo, desde cair na água ou levar a bandeirinha na boca e atravessar o campo no mergulho. Outra brincadeira era tirar folha dos cadernos para fazer pipa e empinar na praia.

Tínhamos nosso lado de maldade como qualquer outra criança. Papai tinha um gato que se chamava Mixaria e era o xodó dele. Como todos sabem, papai era pescador e quando saía para o mar era a hora de fazer maldade com Mixaria. Pegávamos um pouco de feijão, farinha de mandioca, pimenta malagueta e enfiávamos na boca do gato, só para ver

o Mixaria dar um belo de um miado e sumir correndo. Ele ficava uns dois dias sem aparecer. Então, o papai chegava do mar, sentava para almoçar e perguntava: “Cadê u Mixaria?” E ele não aparecia, aí era a hora de inventar alguma estória. Ninguém falava nada, porque se uma aprontava todas levavam a bronca.

Outra brincadeira de mau gosto era fazer um buraco na areia da praia, cobrir com uns pedacinhos de pau, folhas e colocar areia por cima. Fazíamos muito isso e coitada da minha avó, mãe da minha mãe, sempre era ela quem caía na nossa armadilha. Minha irmã Maiza é dois anos e meio mais velha do que eu, gostava de ficar me provocando colocando apelidos e brigava muito comigo. Até que um dia ela começou a me provocar, corri atrás dela pela praia e não alcancei. Achei um pedaço de xícara quebrada na areia, me escondi atrás de uma pedra e, achando que era ela que estava vindo, fui jogar e quando vi acertei a testa da minha avó. Fiquei o resto do dia escondida no meio das pedras com medo de apanhar do papai.

Graças a tudo isso, tenho a certeza de que fui uma criança feliz. Hoje sou uma filha muito orgulhosa pelo pai que tenho. Uma pessoa forte, um guerreiro, mesmo com todos seus problemas de saúde, sempre sorrindo, alegre, cantando e tocando suas famosas cirandas. Não vivo sem meu velho bagacinho. É assim que o chamo todos os dias, *né papai?*



Benedita

Sou Benedita da Conceição Limeira. Nasci no Taquari em 1956. Meu pai se separou da minha mãe e teve um casal de filhos com outra mulher. Como minha mãe não tinha condições de ficar comigo me deu pro padrinho Amélio e pra minha madrinha Glorinha me criarem. Moramos na Prainha, numa casa de tábuas, com muitas dificuldades. O padrinho tinha uma canoa de motor e trazia a gente pra cidade pra fazer compra e a Ana pra estudar. Eu ajudava também a madrinha a cuidar da Cida e da Silene quando eram pequenas e estudei até a 4ª série.

A gente pescava e pegava os alimentos pra comer. Pegava camarão, descacava pra comer e pra vender. A gente comia tudo junto no mesmo prato. Depois a gente foi crescendo e cada uma foi

arrumando emprego. E assim era a nossa rotina. Foi uma família bem unida e até hoje é assim.

Eu agradeço a eles até hoje. Tenho duas filhas que são consideradas netas e considero as meninas como irmãs. Ele é um homem guerreiro. Muito obrigada padrinho e madrinha por tudo que fizeram por mim e que Deus continue abençoando vocês.





Silene

Eu me lembro muito pouco das coisas que passei na Prainha. Tudo que eu posso dizer é o que a mamãe conta. Então, tem duas coisas que eu posso falar.

Quando estava grávida de mim, mamãe gostava muito de sentar embaixo de um pé de pitanga. Esse pé de pitanga tinha as raízes entre duas pedras. Ela ficava sentada na pedra chupando pitanga e caíam muitas folhas dentro do sutiã dela. E eu nasci com uma pinta na sola do pé esquerdo, que foi crescendo até ficar no formato de uma folha de pitanga. Essa estória ela conta pra mim desde pequenininha. E às vezes quando eu vou falar dessa pinta pro médico ele dá muita risada.

Outro fato que eu também me lembro é que eu era muito birrenta e chorona. Como eu era a caçula todo mundo me paparicava, inclusive um senhor que ia visitar a nossa família chamado seu Boris. Ele me

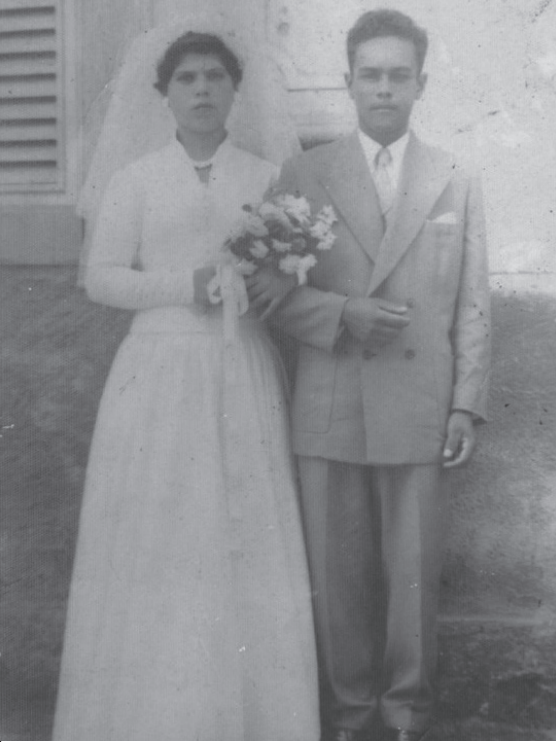
pegava, me levava pra passear, me acalmava e depois levava pra mamãe, porque a vontade dela era de bater pra eu poder parar de chorar, pois ela tinha muitas coisas pra fazer.

E tem mais uma ainda que eu me lembro que as meninas diziam que eu adorava comer tatuíra, mas acho que o nome correto é tatuí, se não me engano. As meninas pegavam quando a maré subia e descia, fazendo um vezinho na areia. A Marina geralmente pegava e fazia farofa e era um dos pratos prediletos que eu gostava de comer.



Da paquera nos bailes com Maria da Glória, vieram a união e as filhas. Daí o trabalho dobrou para sustentar a nova família. Mas a dificuldade não tirou o prazer e a beleza de viver na querida Prainha Grande. Hoje, o que resta são as doces lembranças de um tempo bom que não volta mais.

(Pamela Vaz Rodrigues dos Santos)



Eu e Glorinha nu nossu casamentu (9 di fevereru di 1957)



Meu casamentu com Glorinha (9 di fevereru di 1957)

Prainha, o palco onde uma nova história se iniciou. O som das ondas era a melodia que embalava as noites de sono. A praia, o quintal de várias brincadeiras das filhas. O mar, trazia o sustento dado pelas mãos de Deus e da Nossa Senhora Aparecida.

(Pamela Vaz Rodrigues dos Santos)



Eu e minha companheira da vida. (década di 1970)



Desenho da nossa primeira casinha na Prainha feito pur um grandi amigu, Delciu Montagnini, em 1964.



Chegada di passeiu com a família a nossa casinha na Prainha. (1972)



Maiza (1ª à esquerda), Benedita (2ª à esquerda), Ana (1ª à direita), Glorinha (2ª à direita) i Cida (de costas). (1972)



Eu, Glorinha i filhas – da esquerda pra direita: Benedita, Maiza, Marina, Cida i Ana. (1967/1968)



Prainha, meu refúgio. Da esquerda pra direita: Dona Rosa (sogra), seu Boris (turista) i duas parentis dele sentada na pedra i Benedita (filha di criação). (1972)



Da esquerda pra direita: Glorinha, Leila com u filhu, Vera, Marina, Cida, Benedita i Maiza. (década di 1970)

U PESCADÔ I AS NOITI EM ALTU-MAR

U pescadô sai pescá.

Eli faiz a sua oração.

Eli ora pra São Pedru.

Pra pedi a proteção.

Pra dá boa pescaria.

I podê ganhá u pão.

(Mestre Amélio Vaz)

Minha embarcação di estimação foi construída em Angra dus Reis i caiu na água dia 28 di outubru di 1968, dia da festa di Nossa Senhora dus Remédiu, padroeira du Corumbê. Dei u nomi di *Minerinha*, porque achava muito bonitu essi nomi i também tinha otras embarcação qui si chamavam *Paulistinha*, *Bahianinha* i di demais istadus. Então, todu mundu dizia: “A *Minerinha* vem lá!”

Mais antis di eu tê a *Minerinha*, comprei uma canoinha di dois remu. A genti pescava à noiti, largava a redi às cincu hora mais o menus. Lá pelas oitu hora dispescava. Tirava u pexi i subia na pedra, agasalhava um pocu i lá pelas 10 hora dispescava dinovu. Tirava u pexi, largava i só tirava di madrugada. Ia pru portu, limpava, vendia i ia pra roça. A genti pescava cação,

tainha, bagri, guivira, corvina i sororoca. Era muito pexi. Assim, a genti foi lutandu.

Depois eu vendi essa canoa i comprei uma maió i coloquei um motozinhu. Aí já melhorô mais. Já pescava pra fora i eu cheguei a pescá 48 kg di robalu. Mais também pesquei muito di baliera com u Alziru, Lauru i Paulu Gomis porque a canoa não era suficiênti pra durmi nu mar. U ventu molhava muito i era perigosu.

U pescadô sai pescá.
Eli faiz a sua oração.
Eli ora pra São Pedru.
Pra pedi a proteção.
Pra dá boa pescaria.
I podê ganhá u pão.

Eli sai au mar adentru
faiz sua pescaria.
Pedi proteção a Deus
i também a Virge Maria.
Quandu pega muito pexi
dá pulu di alegria.

Carregava a *Minerinha*
Com a redi di pescá
Depois qui largava a redi
Eu começava a cantá
Botava u ouvidu nu fundu
Pra vê u pexi falá

Eu fui au mar pescá
matei um Xaréu di Galha.
Vendi pur mil i quinhentus,
comprei um chapéu di palha.
Coloquei na cabeça,
mais issu mi atrapalha.

Coloquei a redi au mar
pra pescá u camarão.
Fui saindu mais pra fora
pra pescá cação,
mais pesquei muito robalu.
Ganhei título di campeão!

Quandu comecei a pescá com a minha *Minerinha*, não ia sozinho, trazia nu meu coração a proteção di Nossa Senhora Aparecida i um grandi companheru, seu Antônio. Foram noitis marcanti na minha vida i vai ficá sempri na minha memória. Dessi dia em dianti, começô a luta. Pescava pra criá us filhu, o melhó, as filha. Di dia era camarão com arrastão i di noiti com redi pra pagá as dívida, qui era muitas.

A dificultadi era di entregá todú dia na cidadi, nas pexaria, muito cansativu, mais rentável. Uma noiti eu cheguei a pescá 400 kg di cação. Podi parecê qui é mentira di pescadô, mais é a pura verdadi. Fiz pocu dinheru, porque a quantidadi não tinha valô. U qui tinha mais valô era a moeda.

U sofrimentu também era enfrentá u mar, porque não tinha comu sabê quando seu “humô” ia mudá. Das dificultadi, temporal era u pió. Tevi um dia qui peguei um temporal muito grandi, qui arrasô a embarcação di água. Cheguei na Ilha du Picu, nu escuru, razinhu d’água, sem nada. Molhô tudu. Otra veiz, foi uma tromba d’água qui quasi matô a genti.

Noitis nu mar turbulentu,
com trovão i ventanias.
Passá a noiti au mar
é uma noiti di agonia.
Eli passa a noiti sonhandu
com u amanhecê du dia.

Noitis fria i noitis quenti,
noitis às vezis em desesperu.
É noiti correndu muito,
querendu chegá primeru,
au lugá ondi pescô
pra marcá u pesqueiru.

Noiti toda enluarada.
Noiti cheia di ternura.
Quando chega a madrugada,
olha u céu lá nas altura.
Puxa a redi carregada.
Oh, qui noiti di fartura!

Noiti di lua prateada.
Noiti iscura comu u breu.
U pescadô fica sem rumu.
Fica comu uma casa sem prumu.
Sem achá u caminhu seu.
Até achá a saída i vê
a volta qui eli deu.

Mais di tantas istórias qui vivi nu mar, vô contá uma muito interessantí. Um dia, estandu com u pé cortadu, ferimentu muito grandi, fiquei muitus dia acamadu, sem podê pescá. Meu sobrinhu ficava na baliera i não produzia. Então, saí di casa, ensaquei u pé i dissi pra mulhé: “Vô pescá!” Chegandu nu portu combinei com otru pescadô qui mi ajudassi, mais foi tudu em vão. Dei um lanci muito grandi di camarão i não tevi quem mi ajudassi. Fui obrigadu a mi esforçá i recolhê aquilu tudu sozinhu. Dei mais o menus 40 kg di camarão i vendi u restu.

Também tinha as noitis boa. Quandu a pescaria era boa. Barcu cheiu. U mar tava calmu. Também tivi momentus maravilhosu com a minha família. Fizemu passeius inesquecível, piqueniqui em lindas ilha, procissão di embarcação em datas festiva i levamu muitus amigu pra conhecê u mar. Pesquei muito com a minha *Minerinha*, qui nunca mi deixô na mão.

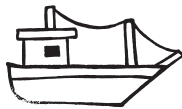
Hoji, falá dela, sintu uma angústia i uma dô nu coração. Infelizmenti, tivemu qui nus separá, com u passá du tempu a doença mi feiz aposentá. A tristeza

invadiu u meu sê, vê aquela grandi amiga sozinha lá nu cais. Resolvi contratá alguém pra pescá, mais ninguém cuidava dela comu eu.

Minerinha muito linda
era a minha embarcação.
Vendi pur muito pocu
não restô nenhum tostão.
Pois quandu lembreu dela
dá dô nu coração.

Minerinha não podia mais sê minha.
A dô foi muito grandi,
mais um dia iria passá
i a ela só mi restô vendê
a alguém qui poderia cuidá.

Eu já narrei us meus fatu
peçu licença au senhô.
Presti atenção nesses causu!
Cousas qui ninguém contô.
Aqui termina meus causu
istória di um pescadô.



E lá ia o pescador com sua *Minerinha* buscar o sagrado alimento pra sua família. A cada dia de pescaria a amizade se fortalecia e se transformou em amor por toda vida.

(Pamela Vaz Rodrigues dos Santos)



Eu e minha grandi companhera *Minerinha*. (1969)



Eu tentandu pegá uma raia presa nu anzol.
(final da década di 1970)



Eu i minha *Minerinha* depois di uma pescaria. (1972)



Eu i seu Antônio, otru grandi companheru di pescaria. (1972)



Pescaria di cação. (1965)



Zeca, eu i a mulhé du fotógrafu dessa fotu. (década di 1970)



Vinda da Praia du Rosa. (meadus dus anus 1970)



Vinda di passeiu di Taquari com família i conhecidus. (1971)

**CHEGADA NA CHÁCARA
DA SAUDADI: MINHA
BARRAQUINHA NA FERINHA I
GRUPUS DI TOCADA.
AH, QUI SAUDADI DA PRAINHA!**

*A saudadi mi sufoca,
mi tira a inspiração.
Das cousas bela da vida
só tenhu recodação.
Pur issu eu tenhu marcadu
dentru du peitu cansadu,
nu fundu du coração.
(Mestre Amélio Vaz)*

Eu i minha família saímu da Prainha em 12 di junho di 1976 i viemu pra cidadi morá na casa qui tamu até hoji. Viemu pra cidadi porque um cara di fora cismô di comprá. A construção da Riu-Santus ajudô também a genti si mudá.

A genti morava assustadu pur causa du tiru di pedra. Toda veiz qui dava tiru nós corria. Nós ouvia a sireni e us trabalhadô gritandu: “Fogu!” Aí, vinha aquela canudu di pedra rolandu i atingia as casa i caía nu mar.

A nossa primera casa era feita di tabua i u telhadu era di telha. A nossa casa era embaxu, pertu di

uma nacenti di água. Tinha um bananal com bastanti pé di banana i du ladu a roça com mandioca, aipi i pé di laranja. A estrada passava pur cima. Uma veiz fomu dormi na casa da minha sogra, dona Rosa, pur causa das pedra i tivemu qui dexá nossu cachorru.

Então, dei quexa pru encarregadu da obra. Eli mi deu dois caminhão di pedra qui serviu pra fazê u alicece da casa nova. Todu domingu enquanto us vizinhu iam passeá o pra praia, a genti ficava trabalhandu pegandu as pedra qui istorava nu morru, enchia a bacia i decia essi morru.

Vivi dezenovi anos, mais a Glorinha viveu trinta i seis anos, porque naceu lá. Eu troquei pelas benfeitoria du sítio ondi morei. Foi muito tristi saí da Prainha. Mais eu continuei a trabalhá com pesca até 1983, porque nu decorrê du tempu fui ficandu hipertensu i tivi qui vendê minha *Minerinha*.

Quandu a genti chegô na Chácara da Saudadi, não tinha muita casa. Muito matu. I a luta continuô. Fiquei sem trabalhu i fui tentá uma vaga na ferinha. Em 1985, aluguei uma barraca i trabalhei com seu Zé Carvalhu.

Na barraca qui trabalhei
Foi uma cousa muito bacana
Vendia batata doci, vendia queju
Tudu qui a genti comprava
Não durava uma semana

Vendia di tudu. Farinha di mandioca, feijão, queju, cebola, alhu, ceral da roça, banana, biju, cará, banana i otrus. Vendia bem i vivia razoável. Com u Zé Carvalhu trabalhei pur treis anus i depois comprei a minha barraquinha qui tenhu até hoji. Comprava alguns produktu i produzia u restu, comu u cará, a banana i u aipi.

Mais as minha canturia não parô. Nessi período eu comecei a tocá todú sábadu nas missa. Essi grupu da igreja era formadu pur: Jarbas (cavaquinho di centru), Hugu (cavaquinho solu), Vivinhu (violão), Heraldú (violão), Osmar (sopru), Maria Texera (primera voiz) juntú com dozi adolescentis i eu (panderu i segunda voiz). Toquemu pur vinti anus. A genti também tocava chorinhu nas rua, nus baris i em aniversárius.

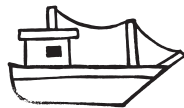
Di 1997 a 1999, eu integrei u grupu Amigus da Cultura, cordenadu pur Regina – mãe du prefeitu Casé –, Magda i Maria Rameck. U objetivu era di resgatá a cultura caiçara ensinandu quarenta adolescentis qui formavam vinti paris i si vestia com trajis caipira i dançava as danças típica da cidadi.

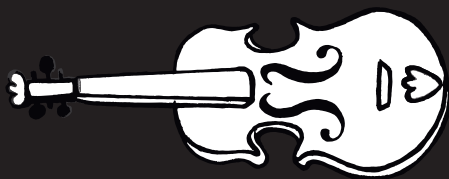
Quando acabô essi grupu, criemu u Cana Verdi. Us componentis era us memú qui mi chamaram pra cubri a ausença di um tocadô, na época qui eu tocava na igreja i nu chorinhu. Nu início, a genti si apresentava em posadas, em aniversárius i em festas típica religiosa. Era formadu pur: Vicenti (violão), Zé

Malvão (viola) Julinhu (cavaquinho), Dinhu (timba)
i eu (pandeiro i voiz).

A saudadi mi sufoca,
mi tira a inspiração.
Das cousas bela da vida
só tenhu recodação.
Pur issu eu tenhu marcadu
dentru du peitu cansadu,
nu fundu du coração.

A saudadi mi devora,
mi afasta u pensamentu.
Quasi sempri a toda hora
vai tirandu u meu talentu,
vem correndu sem demora
sem perdê um só momentu.



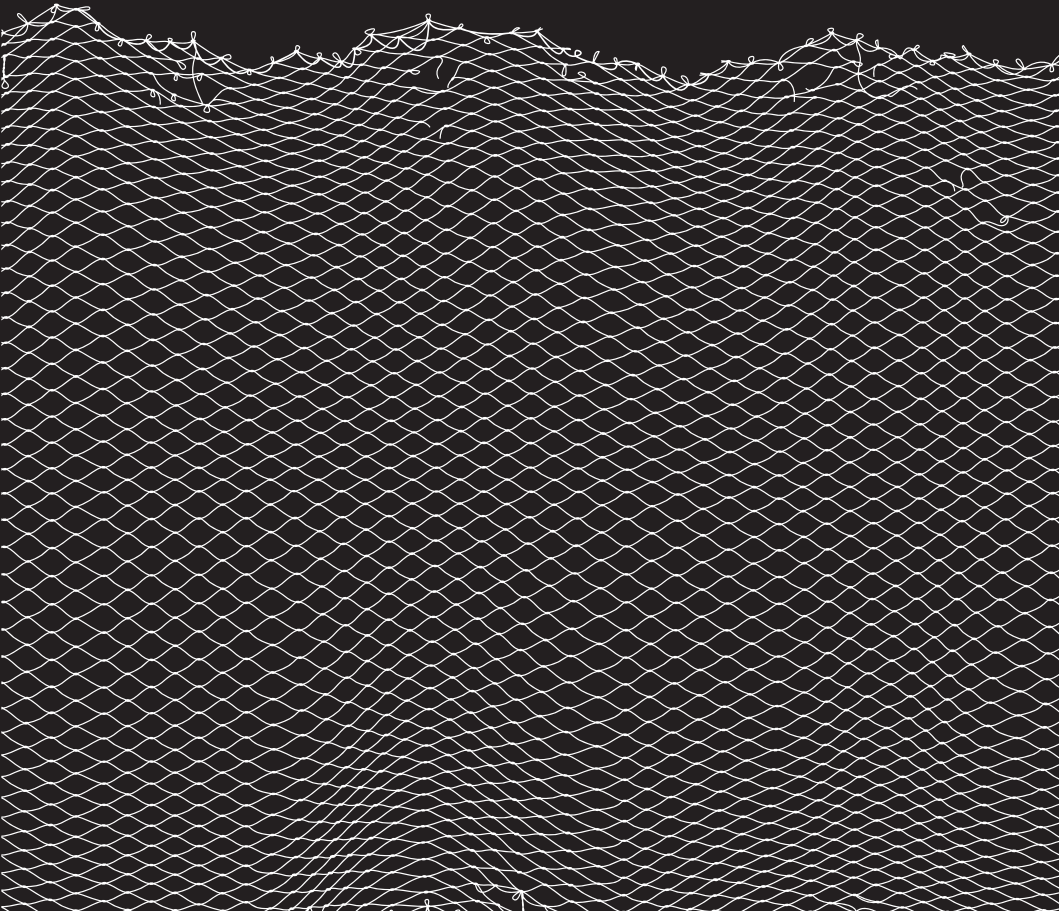


MINHAS SABEDURIA: ENSINAMENTUS DI UM MESTRI CAIÇARA

*Recebi titulu di mestri,
mais mestri memu é Jesus,
u filhu da Virge Maria
aqueli qui naceu da luz.
Eli é u grandi mestri,
mais tiraram as suas vesti
mataram eli na cruiz.*

(Mestre Amélio Vaz)

PARTE II



BREVE APRESENTAÇÃO

Os ensinamentos de um mestre devem ser apreendidos pelo aprendiz com a humildade de que não deixará de estar nesta condição. O olhar e a audição são sentidos que se configuram enquanto elementos fundamentais para uma aprendizagem sólida que perdurará por toda vida.

O dom da sabedoria, dado por Deus, é outro elemento importantíssimo para contemplar o indivíduo com o título de mestre. Aliadas a esses elementos, as vivências de uma vida simples agregam ainda mais valor à maestria.

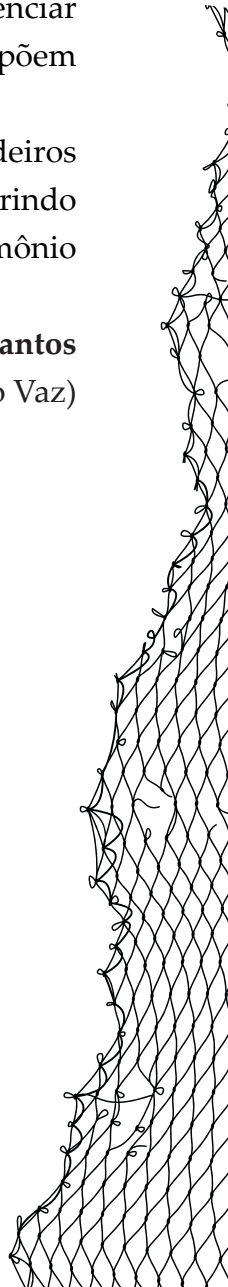
Esta parte do livro mostra aos leitores, “letrados” ou não, a importância da aprendizagem adquirida na infância e na adolescência para ser considerado mestre caçara pelo povo. Ainda aborda que a inspiração é o elemento fundamental para a criação de poemas simples, porém com muitos ensinamentos sobre o que deve ser realmente apreendido de vivências, transparecendo os mais profundos sentimentos e lembranças que brotam do coração.

Também será possível notar nos capítulos seguintes que esse notável mestre alerta sobre o risco de a cultura caçara paratiense desaparecer.

Ainda pontua o compromisso da nova geração em mantê-la viva. Entretanto, para que os jovens tenham esse cuidado de preservar a tradição cultural é fundamental que tenham o prazer de vivenciar todas as aprendizagens que enriquecem e compõem a identidade do povo desta terra.

Por fim, os depoimentos dos jovens cirandeiros transparecem o gosto dos aprendizados nutrindo respeito e admiração por este grande patrimônio imaterial.

Pamela Vaz Rodrigues dos Santos
(neta de Mestre Amélio Vaz)





Capítulu 5

EU, INTITULADU MESTRI

*Us treis reis pru meninu
Ofereceram um tisoru
Grandi prêmiu di valô
Entri incensu, mirra i ouru.*

(Mestre Amélio Vaz)

Quando eu saí da roça, recebi meu título di mestri, pur eu cantá Folia di Reis⁹. Na verdadi, quem mi deu foi u povu qui ouvia i acompanhava as folia. Vinham i perguntava: “Quem é u mestri du Reis?” Aí diziam meu nomi, porque era u mestri qui recebia us donativu. Eu tinha a sabedoria, mais tinha u contramestri qui fazia u duetu di segunda voiz aguda.

Então, tem qui tê essi sabê pra fazê um versu comu essi aqui:

Us treis reis pru meninu
Ofereceram um tisoru
Grandi prêmio di valô
Entri incensu, mirra i ouru

U conhecimentu das cousas é importante. Tem qui tê um comportamentu di apresentá na casa di família, cantá um agradecimentu di mesa frenti au presépiu i di si retirá da casa. U dia certu di cantá a profecia também tem qui sabê. Então, tudu issu resumi u qui um folião precisa pra sê consideradu mestri.

Todu mundu mi chama di mestri, mais eu não mi consideru, porque mestri é Jesus, u grandiosu. Eli qui tem a grandi sabedoria i é eternu.

9 Conforme Mestre Amélio Vaz, a Folia de Reis “era muito apreciada pelu povu, muito bonitu. U povu acompanhava pela rua i cantava a Folia di Reis”. (Pamela Vaz Rodrigues dos Santos)

US GRANDIS MESTRIS I CONTRAMESTRIS DI CANTURIAS CAIÇARA

*Us mestris tinha u dom di fazê versus. Na
época di folia, tinha muita adoração di image.*

*Tinha alguns mestris qui desafiavam otrus
mestris i us própriu contramestris.*

(Mestre Amélio Vaz)

A CONTRIBUIÇÃO DESTES ARTISTAS À CULTURA POPULAR PARATIENSE

A abordagem sobre o processo de titulação de mestre a Amélio Vaz não poderia deixar de registrar os nomes dos grandes Mestres e Contramestres de cantorias caiçaras.

Amélio Vaz puxou pela memória alguns dos principais cantadores que tornavam as festas tradicionais de Paraty e os bailes ainda mais alegres tornando-os genuínos, ou seja, traduzindo as riquezas de uma cultura protagonizada por um povoado humilde, que mantinha as tradições enriquecendo essa mesma cultura.

Ele também se recordou de algumas mulheres repentistas como dona Laurentina (Penha) e dona

Elisa (Ponta Grossa), que tocavam viola e cantavam. Dona Crispina (Praia Grande) cantava em segunda voz, sendo contramestre do pai, seu Rufino. Segundo ele, "elas tocava nus baili i nus desafiou di versus ninguém podia com elas".

O objetivo também é trazer ao conhecimento da nova geração os verdadeiros detentores dos saberes caiçaras, os quais devem ser lembrados, pois podemos supor que transmitiram e perpetuaram os seus saberes àqueles que tiveram o privilégio de conviver com estas figuras fundamentais à cultura caiçara. Eram pessoas que se deparavam com uma vivência muito pobre nas roças, mas encontravam nas festas e nos bailes o divertimento para amenizar tais dificuldades.

Espera-se que o registro destes nomes não permita que caiam no esquecimento, pois transparecem a identidade de paratienses legítimos dessa terra adorada que mantinham um modo de vida simples e puro, que sofreu significativas interferências de muitos povoados descobertos pelos caminhos abertos da Rio-Santos e Paraty-Cunha, num lugar com costumes muito peculiares onde mesclaram suas culturas ao longo dos anos, além dos avanços tecnológicos, assim contribuindo para que tal genuinidade se perdesse.

Pamela Vaz Rodrigues dos Santos

(neta de Mestre Amélio Vaz)

MESTRIS

- Ditinhu Malvão (Corumbê)
- Tiu Circondinu (Praia Grandi)
- Tiu Pedru (Praia Grandi)
- Virgulinu (Barra Grandi)
- Honóriu Bagri (Graúna)
- Sebastião Tarituba (Barra Grandi)
- Lotériu (Praia Grandi)
- Beneditu Elisiáriu (Ilha das Cobras)
- Pedru Severinu (Ilha das Cobras)
- Arcalindu da Praia Vermelha (Praia Vermelha)
- Teteia (Ilha du Araújo)
- Manuel Lopis (Ponta Grossa)
- João Marcolinu (Angra dus Reis)
- Chiditi (Chácara da Saudadi)
- Antônio Lidôniu (Barra Grandi)
- João Eva (Barra Grande - Riu Pequenu)
- Zezinhu Chocalhu (Chácara)
- Zezinhu Ramira (Praia Vermelha)
- Manuel Gatu (Paraty-Mirim)
- Antônio Folião (Paraty-Mirim)
- Lorençu (Graúna)
- Antônio Olímpiu (Coriscu)
- Gustavu (Ponta Grossa)
- Joel Maia¹⁰ (Várzia du Corumbê)
- Améliu Vaz (Praia Grandi)
- Ditinhu Canoeru (Ilha das Cobras)

¹⁰ “Eli desafiava multus mestris qui não tinha u dom di fazê versus difícil. Eli só não desafiava João Eva”. (Mestre Amélio Vaz)

- Chiquinhu Bulhõis (Tarituba)
- Verinu di Barrus (Centru)
- Beneditu Gerváziu (Caboclu)
- Beneditu Guilhermi (Taquari)
- Antônio Marcolinu (Chácara)
- Olivera (Barra Grandi)
- Rufinu (Praia Grandi)

CONTRAMESTRIS

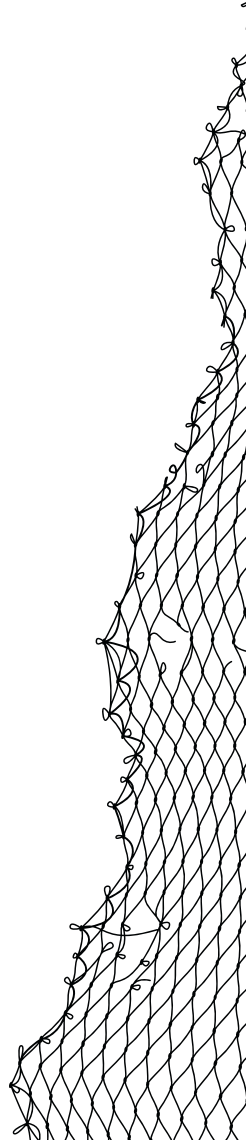
- Tiófilu (Riu dus Merus)
- Manoel Santana (Graúna)
- Zezinhu (Praia Grandi)
- Zezinhu Daniel (Praia Grandi)
- José Daniel (Praia Grandi)
- José Daniel Filhu (Praia Grandi)
- João Daniel (Praia Grandi)
- Manuel Rita (Barra Grandi - Riu Pequenu)
- João Lidôniu (Barra Grandi)
- Antônio Tomás (Riu dus Merus)
- Manuel Quebra Pau (Ponta Grossa)
- João Perigu (Praia Vermelha)
- Quidota (Barra Grandi)
- Améliu (Ponta Grossa)
- Valdemiru Filhu (Varzia du Corumbê)
- Dedinhu (Praia Grandi)
- Zé Olímpiu (Coriscu)
- Ditu Beleza (Ilha das Cobras)
- Ditu da Laranja (Riu dus Merus)
- Paulu Simão (Caboclu)
- Eliseu (Barra Grandi)
- Valdimiru (Varzia du Corumbê)

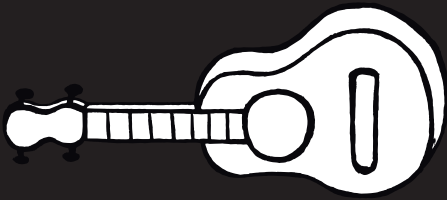
U RECONHECIMENTU DAS MINHA SABEDURIA COMU MESTRI CAIÇARA



Certificadu da minha titulação di
Mestri Ciranderu Caiçara. (2011)







Capítulu 6

A INSPIRAÇÃO I US VERSU: SENTIMENTU I LEMBRANÇA DU FUNDU DU CORAÇÃO

*U lívru da sabedoria
é pra lê todus momentu
é lê com atenção
fortaleci u pensamentu
regenera a nossa menti
preserva nossu talentu.*

(Mestre Amélio Vaz)

A inspiração vem da imaginação. A pessoa num lugá sossegadu, surgi us acontecimentu i daí vem a inspiração pra poesia. Qualqué acontecimentu qui é lembradu brota da menti i du coração vem a poesia.

A poesia é comu si fossi uma passage amorosa. Passa aquilu, vem surgindu us versu i a genti iscrevi. U poeta, si não tivé equilíbriu, fica desequilibradu. É comu:

U desabrochá di uma flô
É u sorrisu di uma criança
É u revoá dus pássaru
Qui com as asa traiz a lembrança

A inspiração é um dom divinu, porque nem sempri a pessoa tem. É forti porque mexi com a sensibilidadi du indivídu. Às vezis, um versu traiz u choru, mexendu com u interiô, com u sentimentu. A pessoa faiz u versu, mais eli tem qui tê conteúdu, eli tem qui tê um sentidu.

Um dia, as emoção brotaram du meu coração i veiu a criação dessa poesia qui fala das beleza simplis da natureza.

Ficô assim:

Uma poesia tão linda
Falandu da natureza
Olhandu esti céu azul
Essa vastidão di nobreza
Somus tão pequeninu
Embaixu di tanta grandeza

A natureza é u olhá
I também é a bonança
É u desabrochá di uma flô
U sorrisu di uma criança
É u revoá dus pássaru
Qui com as asa traiz a esperança

A natureza é tão linda
Nus mostra u horizonti
Mostra a praia, mostra u mar
Mostra a serra, mostra u monti
Ondi mostra us grandi valis
Ondi naci nossas fonti

Eu falu da natureza
Qui é a cousa mais pura
Criada pur mãos celesti
Pra dá vida às criatura
Com rius, terra i mar
Feita com grandi ternura

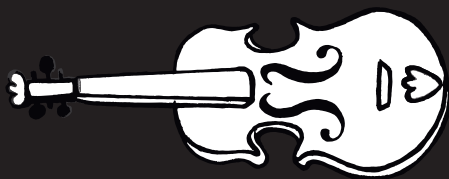
Quandu falu em cousa linda
Eu falu assim num instanti
Eu pensu nas matas verdi
Nas cachoera cantanti
Nu cantu lindu dus pássaru
Nas minas di diamanti

Quando falu em natureza
Noitis linda estrelada
Como é bela a lua cheia
Quando chega a madrugada
Quando vem raiandu u dia
U cantu da passarada

U povu não valoriza
Essa natureza celesti
Nem u pão qui eli comi
Nem a ropa qui eli vesti
U mau qui existi nu mundu
Foi u homem qui u fizesti

U planeta está gritandu
Istá pedindu socorru
Seja a terra, seja u mar
Seja a serra, seja u morru
U raiu qui u sol emiti
Porque rasgaram seu forru





Capítulu 7

NOVA GERAÇÃO DI CIRANDERUS: PRAZÊ DI ENSINÁ SABEDURIAS CAIÇARA

*I pra não dexá morré a cultura,
achu qui dependi dus incentivos
i da alegria di cantá delis.*

(Mestre Amélio Vaz)

PALAVRAS DU MESTRI

Uensiná é um devê. Já qui essis meninus mi procuraram, eu tenhu qui ensiná. U Sesc foi a porta di entrada pra essi contatu com us meninu. Nóis tocamu juntu na Ilha du Araújo i nus introsamus. Tevi uma troca... cantavam bem... voiz afinada... elis fazia muita imitação. Elis tem interessi, tocam bem... i são bem informadus. Então, estão constatandu apenas a realidadi da música caiçara, música folclórica... portuguesa i africana.

Todus us treis tem um potencial relativu... tem um bom princípiu, tem facilidadi em aprendê. Cada qual toca um instrumentu, Cauã violão, Marcelu viola i Fernandu rabeca i panderu. Elis vão formá um grupu bom... legítimu caiçara. Essi interessi é uma grandi cousa, porque é difícil encontrá garotus qui tem boa vontadi... fazê instrumentu... tocá.

U Fernandu é um craniu... um gênio na música... muito sabiu... eli vai sê um grandi cantadô. U Marcelu também... afina bem instrumentu... tem facilidadi medonha pru aprendizadu. Cauã também si destaca nu violão. Faiz bom acompanhamentou... toca muito bem. I na dança eli dança muito bem, porque tem grandi imitação. I pra não dexá morrê a cultura, achu qui dependi dus incentivus i da alegria di cantá delis. Elis são jovem i tem a menti esclarecida, tem qui tocá pra frenti i focá issu.

PALAVRAS DA NOVA GERAÇÃO

CAUÃ CRUIZ - CIRANDERU



Cauã

Tem dois anos que toco ciranda. Toco instrumento desde criança, violão. O contato com o seu Amélio foi na Ilha do Araújo, num evento, um encontro de cirandeiros e fandangueiros. Aí, a partir desse evento, ele viu a gente tocar e convidou a gente pra ensaiar com ele.

Ele via que a gente tinha jeito pra tocar. Ele disse que via em mim jeito pra fazer as danças, porque eu tenho jeito palhacento e que eu sou atento pra aprender a tocar as melodias caiçaras.

Quando eu vou na casa dele, nos ensaios, eu gosto mais de ouvir ele cantar do que eu cantar, principalmente “A flor do mar”, que é como se a melodia fosse um lamento, porque é um desabafo das dificuldades de uma vida dura, que meus avós e meus pais passaram e pra mim é mais difícil porque eu vivi isso.

O meu tio Memésio dizia que a ciranda não tem “metade”, porque a gente aprende na hora. Ela é circular, é natural. Você erra pra aprender. Não tem métrica. O violão não precisa acompanhar o cavaquinho e o cavaquinho acompanha a viola. E o pandeiro parece uma cavalgada. A gente não aprendia só tocando, mas conversando com os senhores amigos dele. Tem uma frase que ele disse e não esqueço, que é: “O pandeiro é o segredo”.



MARCELU ALCANTARA - CIRANDERU



Marcelu

Para mim o senhor Amélio é o museu vivo da ciranda de Paraty, um Mestre de Folia de Reis que me influenciou bastante. Relacionado à Folia de Reis, sempre que nos encontramos consigo absorver cada vez mais esta rica essência que se iguala ao infinito de sabedoria. Sou muito agradecido a esse grande homem, Mestre Amélio.

FERNANDU ALCANTARA - CIRANDERU I RABEQUERU



Fernandu

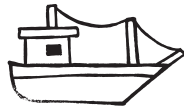
Desde quando comecei a pesquisar nossa cultura, tentei aprender com todos os mestres da ciranda caiçara de Paraty. Seu Amélio foi um dos primeiros e sempre presente em nosso aprendizado, nos ensinando sobre folias, cirandas, canoas, xiba, letras de jongo e outras modas envolvendo o universo da cultura musical de Paraty.

Importante ressaltar que Mestre Amélio Vaz é patrimônio vivo da cidade de Paraty. Como cirandeiro, com sua música regional é personalidade de grande importância para as danças e para a cultura paratiense.

Um exímio versejador, de todo momento ele cria verso e sempre propondo desafio, com a certeza de que está formando novos mestres detentores do saber da cultura tradicional de Paraty.

Quem sou eu para dizer
De um mestre comentar
Que é de muita valia
É raiz desse lugar
Nascido na Praia Grande
Pescador de muito tempo
Num sítio de nome Coqueiro
Homem de muito talento
Só digo esse versinho
Deixo o resto pro momento
Em que encontrar o mestre
No girar do catavento...

Ao Mestre Amélio só posso agradecer, e pedir que tenha muita saúde para nos repassar esse conhecimento tão vasto sobre a vida e a cultura caiçara.



O encontro entre a nova geração de cirandeiros, Mestre Amélio Vaz e seus companheiros de tocada reacende a esperança de que a cultura caiçara de Paraty não desapareça. É entendido que o antigo hábito de os mais velhos passarem suas sabedorias aos mais novos ainda persiste e é valorizado por poucos jovens que buscam apreender com muito amor toda a experiência adquirida com os grandes conhecedores da sabedoria popular.

(Pamela Vaz Rodrigues dos Santos)

ENSAIOS NA RESIDÊNCIA DE MESTRE AMÉLIO VAZ





**AULA DE PANDEIRO NA CASA
DA CULTURA DE PARATY
(2015)**



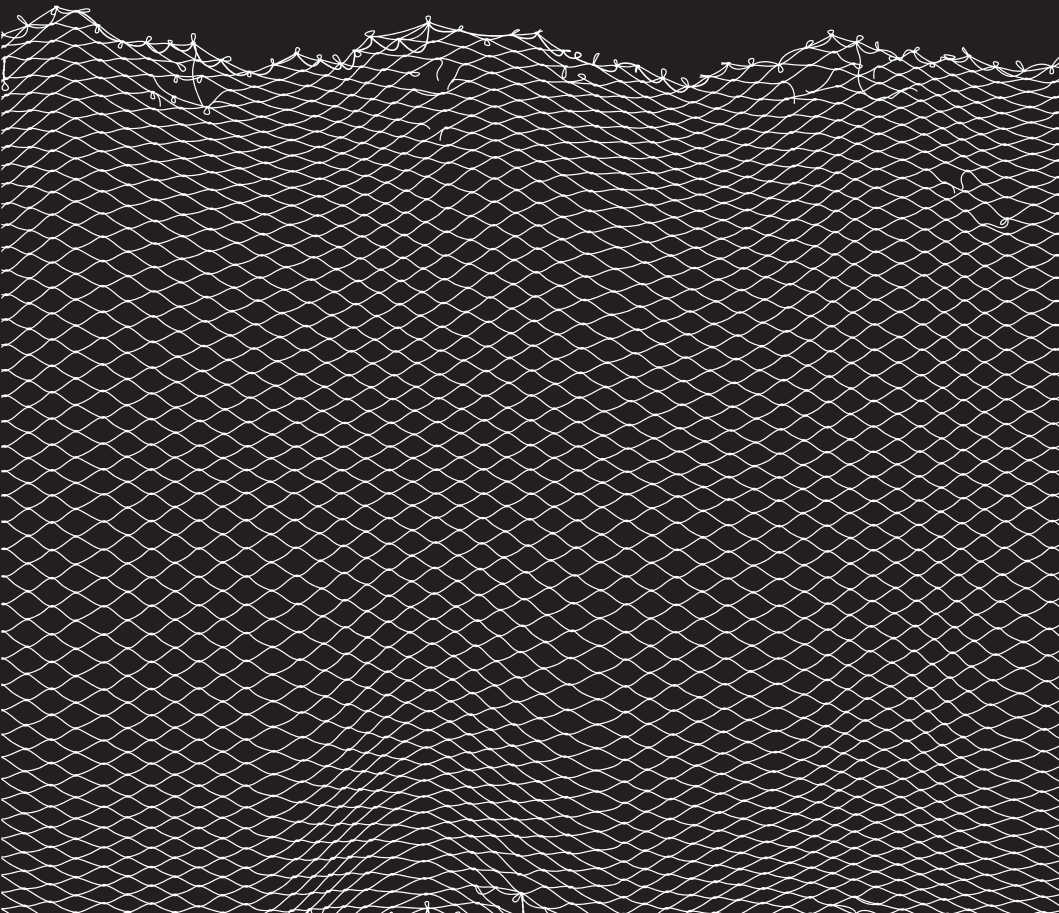


CAIÇARA: MISTURA DU BRANCU, DU NEGRU I DU ÍNDIU

*Caiçara vem di galhu
Caiçara vem di cerca
Presta atenção nu qui eu falu
Pur favô você não perca
A istória qui tô contandu
Issu não é uma mutreta*

(Mestre Amélio Vaz)

PARTE III



BREVE APRESENTAÇÃO

Segundo Mestre Amélio Vaz, a palavra *caiçara*, de origem indígena tupinananbá, traz dois significados. *Caa* significa galho ou pedaços de pau e *içara* quer dizer cerca de pau ou cerca na água para pegar peixe.

Nesta parte do livro ele aborda, brevemente, o surgimento da raça mestiça que recebeu o nome de caiçara.

O leitor ainda terá a oportunidade de “mergulhar” nos conhecimentos passados por Mestre Amélio Vaz, com muita sabedoria, referentes ao modo de vida dos caiçaras paratienses, aos tipos de alimentos, às danças típicas e à cura de variadas enfermidades com benzimentos, rezas, remédios homeopáticos e fitoterápicos, compondo assim o conjunto de elementos que enriquecem a cultura da nossa amada Paraty.

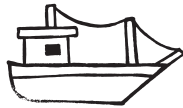
Diante de tais conteúdos abordados nota-se que a pesquisa sobre esta raça miscigenada deve ser cada vez mais profunda e constante, principalmente pelas novas gerações conforme pontuado anteriormente por Mestre Amélio Vaz.

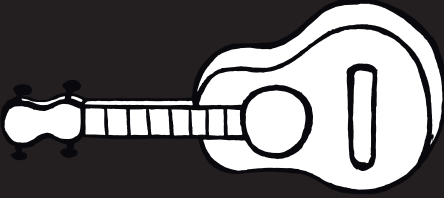
As descobertas ainda não se esgotaram. São poucos moradores dessa terra que lutam para manter firmes as tradições culturais com hábitos e modos de

vida de sobrevivência diários.

Nosso mestre não é detentor de sabedoria acadêmica, mas seus conhecimentos empíricos envolvem elementos que até mesmo mestres e doutores acadêmicos desconhecem, pois não vivenciaram o que realmente é *SER CAIÇARA*.

Pamela Vaz Rodrigues dos Santos
(neta de Mestre Amélio Vaz)





Capítulu 8

U POVU CAIÇARA: COSTUMI I TRADIÇÃO QUI VEM DA MICIGENAÇÃO

*Caiçara não tem raça
Caiçara não tem nação
Mistura di brancu com negru
É uma micigenação
Casadu pretu com brancu
Pur amô nu coração.*

(Mestre Amélio Vaz)

Caiçara vem da micigenação di índiu, negru i europeu, qui significa vivença, daí surgiu a raça cabocla, mestiça i ganhô u título di caiçara pelus índiu pur vivê na orla marítima, à bera-mar. Então, u municípiu di Paraty¹¹ foi criadu com diversus povoadu. Não era povuadus grandi. Era famílias qui montaram engenhu di aguardenti. Não tinha muita genti naquela época.

Essis pequenu povuadu surgiu nu Cabral (família Prosópiu), Riu dus Merus, Boa Vista, Coriscu (família Quincas), Penha (família Carneru), Bananal, Soza, Varzia du Corumbê, Barra du Corumbê (família Malvão), Corumbê (família Soaris), Sacu Grandi, Graúna, Barra Grandi, São Roqui, Taquari, São Gonçalu, Tarituba (família Bulhões) i Mambucaba.

Tudu formadu em trilha. Depois veiu u telégrafu qui formava a linha qui passava a tropa qui vinha di Cunha. Discarregava i voltava. U povu carregava tudu nas costa. Café, milhu, farinha, ovus, porcu, galinha i muitas cousas. A caminhada durava mais o menus duas hora, depedendu du lugá qui ia. As mercaduria era vendida tantu na cidadi quantu nas vendinha nas roça.

11 "U nomi Paraty na língua indígina tupinambá era região alagada i u pexi era pirati". (Mestre Amélio Vaz)

U surgimentu dus caiçara veiu depois dus negru pur causa da micigenação. Us patrão matava us negru, aí ficava as mulhé, muita mulhé bonita i elis si aproveitavam i criava otra família, qui saía mestiça.

Tinha as filha dus escravu
Qui era muito bonita
Quandu elas si enfeitava
Com lindus vestidu di chita
Us homem branqu qui olhavam
Diziam: Oh, qui linda cabrita!

Também si relacionavam com índiu. Mulhé i filhus às vezes era tratadu comu empregadus. Algumas mulhé cozinhava prus patrão, trabalhava muito na roça, limpa di mandioca i di feijão.

Mais pra compreendê sobri caiçara, a pessoa precisa sabê comu era a vida dus negru, dus índiu i dus branqu. Vô contá mais o menus essa istória.

Us negru trabalhavam pesadu di sol a sol nas fazenda, às vezes embaxu di chicoti, com as plantação di cana, di mandioca i di feijão. Fazia di tudu. Serviçu di calçamentu di pedra, cortava pedra, cortava i serrava madera, fazia ponti, abria caminhu cavadu pra carru di boi i pra tropa.

Elis eram tão escravizadu qui carregavam as fezi dus branqu em lata pra botá em depósitu pra depois botá fora. Quandu não era issu, era presu

nu troncu. Otrus amarravam nu mangui, pru mosquitu matá.

U alimentu delis era matrucu com feijão pretu. As mucamba fazia us doci qui era a sobremesa delis i também servia prus senhoris. Doci di laranja, doci di cidra, doci di mamão, u meladu, a rapadura, u puxapuxa i a cramonía, qui é também chamada di pé di molequi porque quando as mucamba tavam cortandu us pedaçu, as criança roubavam, i elas diziam: “Pedi, molequi!”

Us índiu tupinambá tinha u caminhu dus *guayaná* pra subi serra acima qui ia até a Freguesia du Facão, conhecida comu Cunha, Guaratinguetá i depois Taubaté i di lá pra São José até São Paulu. Era u único caminhu qui depois transformô-si na Istrada du Oru, qui ia até Oru Pretu i Mariana. Inclusivi até us móvel du Impériu di São Paulu subiu a lombu di burru. Foi usadu até u Ciclu du Oru.

Caiçara não tem raça
Caiçara não tem nação
Mistura di brancu com negru
É uma micigenação
Casadu pretu com brancu
Pur amô nu coração

U MODU DI VIVÊ DUS CAIÇARA

A vida du caiçara era bem simplis, mais muito difícil. Trabalho na roça, qui era bem pesadu, pru sustentu. Muita pobreza, qui às vezis faltava comida. Moravam em casa di sapê barreadu. Us caiçara bem di vida, qui não tinham negru, faziam roça com us própriu caiçara.

Naqueli tempu u dinheru era u vitém qui nem todu mundu tinha. Quem não tinha era escravu di quem tinha. U trabalho era duru pra ganhá dois vitém, duzentus réis, quatrocentus réis pur dia quandu era profissional. Também tinha a troca, qui muitos trocavam mercadoria com as cousas qui faltava comu u sal, u fósforu, a queroseni, u pexi, a farinha i tantas otras cousa, porque não tinha dinheru.

As medida eram a quarta, u litru i u salamim qui era 2,5 L. Quatru salamim era 10 L, duas quarta era 20 L, dois meiu alqueiri era 40 L, duas meia quarta era 10 L, dois salamim era 5 L.



US ALIMENTU DUS CAIÇARA

U alimentu caiçara era forti pur causa du trabalho pesadu, tantu prus negru como prus brancu. U caiçara escalava u pexi (pegadu com redi o anzol), secava i fazia aquela varazal. Depois, quandu elis iam pra roça, levavam u pexi secu, assavam i faziam uma jacuba d'água com a farinha i a água. Era u almoçu delis. U pratu prediletu i típicu era u azul marinho qui a genti limpava u pexi i discascava a banana verdi. Botava na água pra cozinhá, bem cozidinho, junto com cheru verdi i u tomati du quintal. Temperava com sal pra fazê u pirão. Eles comia também feijão pretu, carni seca, carni di porcu, caça (paca entri otrus) i u mariscu, qui elis cozinhava i istalava na boca com feijão o então fazia com banana verdi picandu em rodelinha i fazia u pirão, com cuzcuiz o com palmitu. Tudu era simplis.

Fazia monjolu pra socá u milhu i pra pilá u arroiz. U pilão era duas pessoa qui socava as cousas miúda i tudu qui pudessi sê socadu pra fazê as mistura du café tantu prus xiba comu pra consumi em casa memu.

A mandioca enterrada na lama com talu era tirada nu terceru dia. Aí, limpava ela, ralava i botava pra enxugá. Tava u carimã preparadu. Depois penerava i guardava.

Era feito com uma semana di antecedença. Tinha uma durabilidadadi di quinze dias di acordu com a secagem deli. Si fossi bem secu durava mais. Então, a parti deli si fazia u biju, u bolu, u cuzcuiz i u paspaião. U bolu du carimã si misturava us ovos, u trigu i u fubá.

U café era di guarapa i bongava muita cousa nas *tiguera*¹² comu cará, batata doci, a araruta¹³, u gergelim, qui si fazia a paçoca deli torrandu i passandu na penera. Depois botava nu pilão pra socá com farinha, sal o açúcar. Da banana também era feita paçoca. Cozinhava ela, depois botava nu pilão i amassava botandu um pedacinho di tocinho frito, uma pitadinha di sal. U amendoim era torradu i colocadu também nu pilão. Depois, colocava a farinha i socava com açúcar o com sal. Tava pronta a paçoca deli. A paçoca di cocu era u memu processu.

Pra prepará u biju tirava a folha da banana, botava nu fornu, murchava i botava a massa du carimã preparadu com sal o com açúcar. Fechava a palha, quando tava assadu du ladu, virava du otru. Quando tava bem assadinho tirava da palha, cortava i botava pra secá numa talba, nu fornu pra torrá i aí guardava pur muitus dia.

12 Restu di roça. Ispiga i raiz miúdas. (Mestre Amélio Vaz)

13 Pra tirá u puvilhu. (Mestre Amélio Vaz)

U paspaião da purva botava u carimã qui dava aquela gostinhu di azedu i temperava com outros ingredientis. U paspaião simplis botava erva docis, botava cravu, canela, mais não botava u carimã. Essa era a diferença dus dois.

U alimentu du caiçara
Era u azul marinho
Pexi com banana verdi
Feitu com muito carinhu
Feitu em panela di ferru
Porque otru jeitu não tinham

Usavam uma estratégia
Pra mistura du café
Paçoca di gergelim
Di banana o pixé
Issu era mistura casera
Inventada pur mulhé

Elis bongavam a cana
Pra fazê u meladu
Procuravam na tiguera
Ondi já tinha u roçadu
Traziam uma sambirera
Pra galinha nu cercadu

Montava a ticuruba
pra botá u calderão
botava lenha debaxu
pra cozinhá u feijão
matrucu com feijão pretu
quandu não tinha pirão

Também panhavam mariscu
Pra fazê com palmitu
Faziam um guizadu gostosu
Ficava um pratu bonitu
Quandu elis não tinham essi pratu
Era pirão di gunguitu

Pegava u carangueju
U siri o guaiá
Quandu elis não achava
Sururu o sapinhauá
Fazia um pratu ricu
Porque mais gostosu não há

Assim era a vida pobri
Dus pequenu caiçara
Pois a cama ondi dormiam
Era uma tarimba di vara
Cochão di palha di banana
Issu era uma cousa rara.



DANÇAS DI ORIGE AFRICANA

As danças vieram com us portuguesis i us africanu. Tinha pur nomi di *folk-lori* qui significa danças di comunidadi o divertimentu. Era indispensável violeru, cantadô, tiradô di moda. Tudu qui surgia, elis tirava moda. Era u divertimentu da comunidadi i cada lugá tinha uma i cada uma tinha uma dança.

Nas fazenda, us negru tinha a senzala di praticá as danças típica delis, qui era us costumi. A maioria dus patrão liberava. Então elis trouxeram u congü, u xiba, a tontinha, u zombadô, u fandangu, u jongu, u maracatu, u frevu, u boi bumbá, u olodum i muitas dança qui existi ainda hoji.

U jongu significava desafio em versu. Um cantava versu pru otru respondê, i u qui não respondia perdia, ficava amarradu. U maracatu era dança qui elis fazia promessa. Carregavam u estandarti i tinha us dançadô, u mestri cantadô qui tinha a sabedoria di comandá u grupu. Era eli qui tocava viola i cantava us versu.

Nas festa di jongu era servidu:

batata, curau¹⁴ i meladu
biscoitu, broa i sequilhu
amendoim bem torradu
bolachinha di puvilhu.

Tinha u maracatu da cidadi qui era dançadu nu carnaval, em triu elétricu nas rua i u rural. Danças di roda, vestidu di brancu, com floris, qui elis homenagiava Iemanjá.

Xiba é uma palavra africana qui vem di *xibata*, mãos calejada, cousas pesada, danças sapateada qui só us escravu dançava. Alguns donu di casa exigia qui quem não dançava xiba não dançava miudezas. Então, u pessoal ficava só olhando i não si divertia. I não era todumundu qui dançava, porque tinha qui sabê sapateá. Também não era todumvioleru qui sabia cantá, porque tinha qui cantá moda. Era quatu hora di sapateadu, geralmenti, das oitu hora da noiti até meia-noiti com iscala di uma hora.

Mais pra tê u xiba, tinha mutirão. Us homem matava porcu, patu, peru, u qui tinha. As mulhé cozinhava. Di noiti vinha u divertimentu. Às vezis tinha ladainha, qui às vezis eram promessas em dias santificadu i às vezis datas festiva¹⁵, pra depois a canturia.

14 Tipu di mingau di milhu verdi. (Mestre Amélio Vaz)

15 Algumas dessas datas festiva é São João, São Pedru i Santu Antôniu. (Mestre Amélio Vaz)

Depois du xiba si dizia:
Vamu dançá miudeza?
Oh, meu Deus!
Qui beleza!

I pra terminá u xiba tinha qui tocá tontinha i
“Flô du mar”. Depois todú mundu ia pra suas casa.

U dia vem clareandu.
Lá vem a barra du dia.
U povu si retirandu.
Levandu toda a família.

Nas datas festiva, minha vó Albertina¹⁶, mãe
du papai, fazia us quituti. Eu mi lembriu também qui
quandu nós não tinha u qui comê, a genti ia pra casa
dela i ela falava assim pra mim:

– Bebeiu, sobi na *ticuruba*¹⁷. Pega u *carquerê*¹⁸ nu
samburá²⁰. Bota na brasa, pega u *saraquá*²¹. Bota farinha
na cuia²². Faiz uma *jacuba*²³. Vamu fazê uma *buchinha*²⁴,
enquanto para a tribuzana²⁵. Eu nem sei si vô tê corage
di trepá u morru. Ai, qui preguiça! Chegandu lá tenhu
qui bongá uma lenha. Mais não sei si vô podê arribá²⁶.

16 “Era bem mestiça com índiu, negru i falava a language caiçara. Era criativa. Fazia as receita. Era criadora da arti culinária”. (Mestre Amélio Vaz)

17 Pedra qui usava pra fazê um fogão improvisadu. (Mestre Amélio Vaz)

18 Pexi secu. (Mestre Amélio Vaz)

20 Balaiu feitu di taquara. (Mestre Amélio Vaz)

21 Tanaiz feitu di taquara pra pegá cousas na brasa. (Mestre Amélio Vaz)

22 Feitu da cabaça pra colocá us alimentu. (Mestre Amélio Vaz)

23 Farinha com água misturada. (Mestre Amélio Vaz)

24 Qué dizê comê alguma cousa. (Mestre Amélio Vaz)

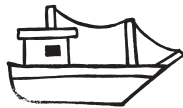
25 Tempu ruim. (Mestre Amélio Vaz)

26 Na language caiçara qué dizê voltá. (Mestre Amélio Vaz)

Ela fazia a mistura pru xiba. Carimã, cuzcuiz du carimã, bolu, paspaião, canjica, pamonha, puva, biju di tapioca i otrus. Era estendida uma isteira i em cima uma toalha i despejava todú u ingrediente ali i du ladu as tijela i a chalera di café. Aí, u povu mandava vê. Com uma hora di café. Depois, dançava a ciranda. Aí, vinha a miudeza, qui vô fala mais adianti.

Eu digu qui:

Xiba vem di *xibata*.
Também fala em miudeza.
Xiba é africana.
I a otra é portuguesa.
É comu café gostosu,
qui a genti põe na mesa.



DANÇAS DI ORIGE PORTUGUESA

Us portuguesis trouxeram danças qui são mistura di danças di roda o di par i chamamu di miudezas, qui amenizava u isforçu dançadu nu xiba, porque era cansativu. I pras pessoa qui não sabia dançá u xiba, porque era mais fácil.

São exemplu dessas dança: a ciranda, a cana verdi di mão, a cana verdi valsada, a marrafa, a canoa, a choradinha, a Graciana, a Felipi, a Folia di Reis, a Folia du Divinu, Folia di São Beneditu, Folia di Santa Cruz entri otras. I us instrumentu caiçara eram a viola, mancheti, adulfu, triângulu i algumas vezis rebeca.

Entri todas as dança qui si dizia miudezas, a mazuca é uma valsa acelerada com passus longu. I não era todus qui dançava. Tinha as pessoa solicitada pra dançá i damas qui eram condecorada i sabiam dá u passu corretu pra acompanhá u cavaleru. Não tinha sapateadu, era valsadu ligeru i não tinha melodia. Era instrumental. A harmonia du instrumentu i u acompanhamentu du panderu marcava us passu, u ritmu pru cavaleru dançá. Di orige portuguesa, era dançada juntu com otras miudeza. Não era qualqué um qui dançava. Tinha alguns dançadô qui dançava com a dama i errandu uma, duas vezis, saía fora. Era despedidu da roda.

A cana verdi é tocada em treis ritimu. É dançada di dois paris. Tem cana verdi tocada em LÁ qui tem um ritmu i tem a cana verdi tocada em RÉ qui u acompanhamentou é em DÓ.

Tem otru ritmu qui u povu chamava di limpa bancu. Quandu cantava não ficava ninguém, porque mexi com us nervu da pessoa. É uma dança qui chama atenção das pessoa qui tão assentada. É impossível ficá paradu. Podi sê quem fô.

A melodia da cana verdi di mão é diferenti, porque ela tem um recorti nu versu, faiz uns versus recortadu. Canta-si pur exemplu:

Cana verdi di mão
Não é fácil di dançá
Tem uma volta nu meiu
Qui não é fácil di dá
Não cantu com versu feiu
I não é fácil di dá
Tem uma volta nu meiu

A cana verdi valsada é diferenti, porque você recorta us versu, mais a melodia é otra. Tem qui tê instrumentu pra cantá i pra botá nu papel tem qui tê cifra.

FOLIAS DI REIS I DU DIVINU

*A nossa folia di reis,
é folia portuguesa.
Issu é uma tradição,
qui mantém a chama acesa.
Faiz-si com muita alegria
falandu di realeza.*

(Mestre Amélio Vaz)

A Folia di Reis tem um significadu, qui são profecia²⁷ qui fala da vida di Jesus, i também fala du presenti qui eli recebeu. A profecia diz a istória, qui si transforma em versu, u anúncio dus profeta. Us presenti qui us reis magu levaram, marcava a trajetória di Jesus. É u rei decoradu pelus judeu, divindadi i elevação.

Us versu da Folia di Reis é u seguinti: a genti chega na casa i pedi licença dizendu assim:

Honradu donu da casa
Botei u pé na calçada
Oh, meu nobri cavaleru
I a sua família honrada

27 “U nacementu di Jesus foi profetizadu 300 anos antis. U meninu di decendência di Davi, pur nomi Emanuel qui qué dizê Deus conosco”.
(Mestre Amélio Vaz)

Comu vai sua saúdi
Comu é qui tem passadu
Comu vai sua família
Perguntá é um devê sagradu

Não queru qui mi dê nada
Qui nada tenhu vus dadu
Só queru qui abra a porta
Nos mostra um bom agradu

Oh, qui noiti tão sagrada
Oh, qui hora tão bendita
Qui viemu em sua casa
Pra fazê essa visita.

Depois, u mestri di folia diz u qui vai fazê cantandu u seguinti versu:

Honradu donu da casa
Peçu qui presti atenção
Peçu qui mi dê licença
Vô mudá di coleição

Aí começa a cantá u qui vai dizê, si é anúncio, si é u nacementu o si é visita. U mestri qui canta Folia di Reis i não pedi licença pru donu da casa i não salda, não é mestri.

Além dissu, quandu si canta nu presépiu, canta a profecia toda i ainda tem qui saldá u presépiu. Numa casa di família, às vezis, u donu da casa pedi pra cantá na mesa agradecendu em versu. Si u mestri não sobé

é vaiadu. Eli tem a responsabilidadi di fazê versu bunitu, porque é exigidu. Então, é entoadu dessi jeitu:

Honradu donu da casa
Mi desculpi a gentileza
Eu queru pedi licença
Pra saldá a sua mesa

Tô saldandu sua mesa
Oh, meu cavaleru nobri
Qui em cima dessa mesa
Essa riqueza si dobri

U qui foi oferecidu
Foi com muito amô
Pur fora tem jardim
Pur dentru um buquê di flô

Agradeçu a cozinhera
Qui feiz a boa comida
Deus lhi dê muita saúdi
I abençoe sua vida

Vô agradecê a bebida
I us talhé também
Deus lhi dê muita saúdi
I us anju digam amém

Hoji a Folia di Reis tá bem diferenciada. Ninguém faiz mais issu, porque não sabi. É precisu tê dom da sabedoria i u dom du folião, di mestri di folia. U mestri folião pedi licença, depois qui eli apresenta

a profecia, aí eli pedi licença novamenti i si despedi
dizendu assim:

Honradu donu da casa
Licença quera nus dá
Nessis seu portais doradu
Vô fazê pontu finar.

A Folia di Reis começa nu dia 7 di dezemburu
com u anúncio da profecia dus profeta i termina em
24 di dezemburu. Us versu dessa parti é entoadu assim:

Em 25 di marçu
veiu u anju i anunciô.
Em 25 di dezemburu
nacia nossu Senhô.

Foi u anju Gabriel
qui anunciô Maria,
nu céu foi resevada
pra sê mãe du Messias.

Um dia Maria estava
reposeda em oração
quandu apareceu um anju
i lhi feiz a saudação:

“Maria cheia di graça
sem pecadu concebida,
pra sê mãe di Jesus
só vós qui fossi escolhida”.

Ela então respondeu:
“Comu podi sê assim?
Eu não conheçu varão
nem eli conheci a mim”.

É obra du Espíritu Santu
sobri us poderi divinu,
qui concebi em Vossu ventri,
esti sagradu meninu!

Ela então respondeu:
“Feita a vontadi di Vós!”
I u verbu si feiz carni
i habitô entri nós.

São José i Virge Maria
caminharam pra Belém,
pra cidadi di Davi,
pertu di Jerusalém.

Quandu chegaram a Belém,
issu já era muito tardi,
não acharam mais lugá
na estalagi da cidadi.

Reclinaram-si em um presépiu,
pur não tê mais lugá.
Dentru di uma manjedora
bafejada di animal.

Pastora belas pastora
qui na relva estão deitadas,
descansais i não sabeis
qui as hora são chegada.

Era uma pobri cabana,
metida em rainhas loura.
Veiu au mundu resgatá
a humildi manjedora.

Bem podia tê nacidu
em cochão di ouru finu.
Pra dá exemplu au mundu
naceu pobri esti meninu.

A estrela du Orienti
iluminô com sua luiz
aquela pobri cabana
ondi nacera Jesus.

Já a melodia da passage du nacementu di Jesus,
qui vai di 24 di dezembu a 31 di dezembu, é feita
assim:

Em 25 di dezembu
meia-noiti deu sinal.
Rompi a aurora i primavera
nessa noiti di natal!

U anju cantô nu céu.
U mundu si encheu di luiz.
U presépiu apresentô
u nacementu di Jesus!

U nacementu di Jesus
pur todus foi adoradu.
Pra salvadô du mundu
naceu di um ventri sagradu.

U galu também cantô
i da terra respondeu:
“Louvadu seja benditu!
Jesus meninu naceu!”

Na cidadi di Belém
tinha muitus moradô,
mais Jesus foi visitadu
primeru pelus pastô.

A visita dus treis reis magu é entoada nu dia
5 di janeru, falandu da trajetória delis até ondi Jesus
naceu.

Diz a sagrada escritura
qui quandu Jesus naceu
nu céu fulguranti i puru
uma estrela apareceu.

Estrela nova brilhava
mais qui todas, porém
é ela qui caminhava
us treis reis pra Belém.

Avistandu us treis reis magu
disseram: “Naceu Jesus!”
Olharam com afagu
i seguiram a sua luiz.

Andaram i um belu dia
da jornada u fim chegô.
Juntu a uma estrebaria
a estrela apagô.

Na fazenda du Herodis
a estrela si escondeu.
Quandu seguiram a jornada
a estrela apareceu.

Rei Herodis então pediu
qui viessi lhi avisá
a notícia du meninu
a quem ia visitá.

U nomi dessor treis reis:
u primeru é Gaspá,
u segundu é Belchió,
u terceiru é Baltazá.

Ajoelharam i rezaram
humildi postus nu chão,
u Deus meninu beijaram
a alva i pequenina mão.

I Jesus contemplava
todus com imensu amô,
porque olhandu não olhava
a diferença da cor.

Us treis reis pra u meninu
ofereceram um tisoru,
grandi prêmio di valô,
entri incensu, mirra i ouru

U ouru é realeza.
U incensu é divindadi.
A mirra é paixão i morti.
Pra salvação da humanidadi.

A Folia du Divinu é otru significadu, porque u mestri canta u qui vê na casa, comu image di várius santu. Faz agradecimentu pru donu da casa. Também quandu posa i quandu almoça. Mutilus donu di casa reunía moças pra dançá quandu chegava us foliões tocandu. Ficava a noiti intera.

A bandera saía di canoa. U primeru pontu era na Ilha du Araújo. Ficava uma semana di canturia. Depois seguia pra Tarituba. Vinha pela Costa recolhendu donativus. Essa ismola era pra ajudá na festa. Tinha um certu pagamentu qui us foliões recebia, i u qui sobrava era pra festa.

Mais ganhava muita cousa pra leilão. Era cabritu, porcu, peru, patu, galinha, frangu, banana da terra, abobra, aipi, açúcar, ceral, pó di café, farinha di milhu, rosca, latas di doci di laranja i queroseni pra acendê u lampião o a lamparina.

Naqueli tempu a festa era feita com donativu da roça. Mais depois qui abriu a Riu-Santus modificô muito. Muita influêça di crentis qui não aceitava a bandera, porque dizia qui era idolatria.

O folião, mestre de reis, com seu pandeiro e companheiros de toada conduzia a folia nas roças, propagando a profecia da vida de Jesus nas casas que abriam as portas para receber os foliões com a mesa farta de alimentos da roça. A verdadeira Folia de Reis é uma tradição que traduz a força da religiosidade do povo paratiense, porém na atualidade vem perdendo sua identidade.

(Pamela Vaz Rodrigues dos Santos)



Folia di Reis: Livinu (viola), eu (panderu)
i meu irmão Zezinhu (panderu). (década di 1990)



Folia di Reis: Zé Carvalho (panderu)
i eu (panderu). (década di 1990)



CURAS CAIÇARA BENZIMENTUS I REZA (SABEDURIAS INDÍGINA)

Si fazia benzimentu di tudu, quebrantu, mau-olhadu, machucadura, *esipela* i varius otrus tipu di doença. Tinha também a cura di queimaduras com u chá du cozimentu da pilotera da miúda i u puvilhu da batata pão com mel pra lavá. Pra fazê desintoxicação usava u puvilhu da batata di purga. Ralava i tirava u puvilhu. Tinha alguns qui benzia i passava remédiu. Muita raiz qui elis receitava, di ervas i fazia cozimentu, chá.

U benzedô era um rezadô. Conheci muitus qui já morreu. Minha tia Maria benzeu até depois di velha. Hoji tá com noventa i treis anus i não benzi mais, tá bem cansadinha. Muita genti procurava ela. Benzia di machucadura, di quebrantu, di cobreru, só não benzia di *esipela*, porque não sabia. Pra cada doença tinha qui tê uma reza, sabedoria das palavra. Às vezis u ensinamentu era passadu, mais às vezis quem sabia não ensinava, principalmenti benzimentu contra mordida di cobra, pra não perdê u efeito.

Simpatia já era otra cousa, mais tinha benzedô qui fazia. U aguamentu, pur exemplu, tinha u benzimentu i a simpatia qui era pegá comida na casa di treis Maria, porque si não, a criança morria.

ERVAS I HOMEOPATIA (SABEDURIAS AFRICANA I PORTUGUESA)

Minha vó fazia remédiu caseru pra machucadura, emprastu di cipó amescla, Santa Maria com Maria Preta, Tala di bambu. Pra doença di criança fazia u puvilhu du marereçô i pra curá umbigu era u brotu da imbaúba branca com emprastu. Emprastu di farinha pra curá tumô.

Chá di erva di mamangava pra fígadu i intestinu. Fazia cordão di fradi pra doença di mulhé i com muitas otras erva. Erva-cidrera, Cidrão di Tocera, Gervão du Roxu, Pari Paroba.

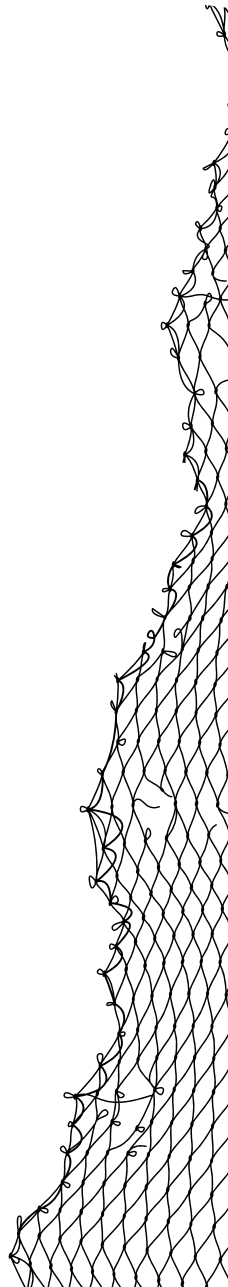
Tudu issu ela fazia, porque aprendeu com us pais dela. Era a tradição delis. A mãe dela era mestiça com índiu. Naquela época tudu era curadu com erva. A erva era fitoterápico. I as partera fazia todú u processu du partu com remédiu di erva pra despertá a dô. Mais também tinha otras partera comu a Bilaia i a Maria Batubana.

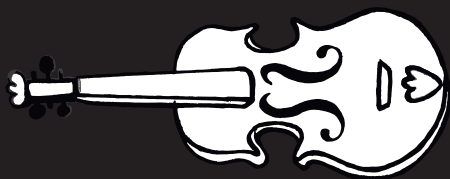
Us remédiu di homeopatia era u Alhu Sativu, a Brionia, u Aconitu, u Sanagripe. Pra *esipela* era a Cassia Média. A medida era em gota. Era natural. A cura era di acordu com a doença. A gripe pur exemplu era rápido. Otrus tipu di moléstia era duradoru, porque

u efeito era bem lento. U efeito era di acordu com u qui si usava. Minha mãe pur exemplu não podia tê filhu, porque abortava i u falecidu Oseas curô ela com homeopatia. A homeopatia era apurada i u fitoterápico era mais rústicu. U falecidu Oseas Martins i João Miranda tinham u domíniu d'essis remédiu. Eram curandeiros.

Issu si resumia em cura caiçara com remédiu indígina. U ensinamentu medicinal vai passandu di geração pra geração. Si hoji eu tenhu um pocu di conheçimentu agradeçu a minha vó.



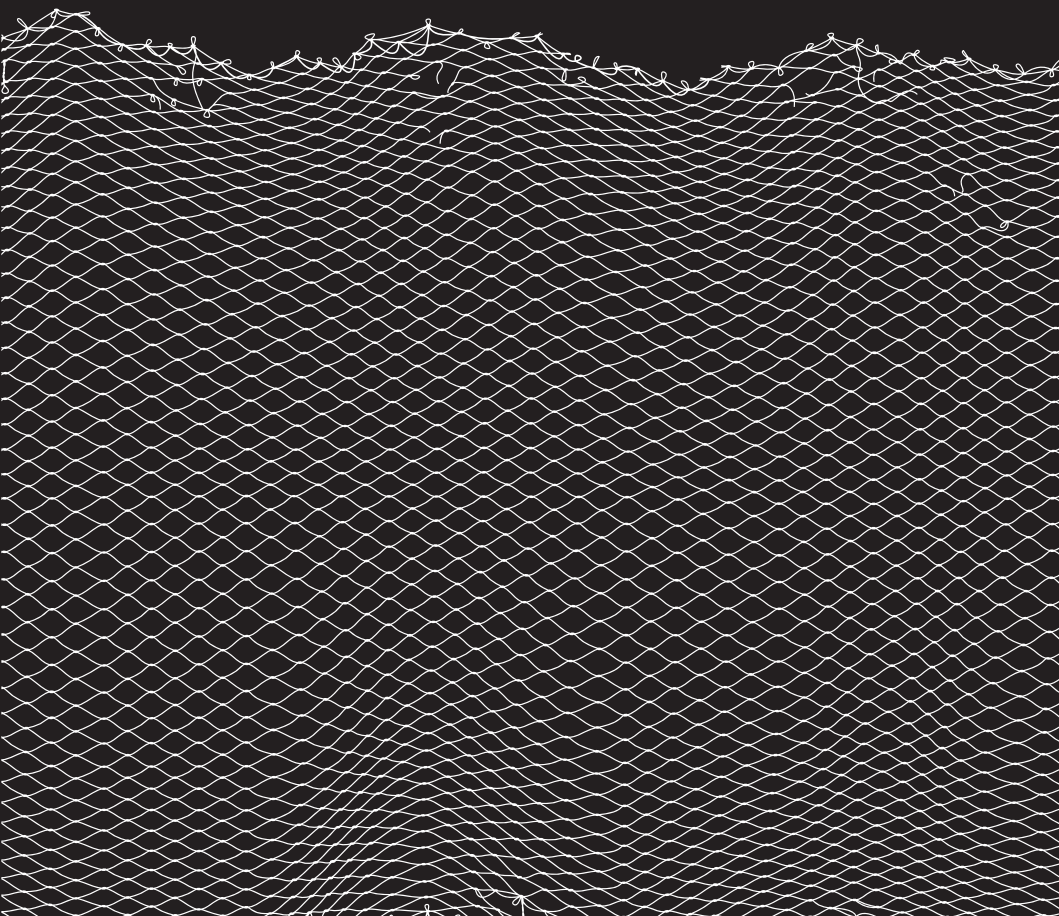




CAUSUS CAIÇARA: ISTÓRIAS DI DIVERTIMENTU NA ROÇA

*Povu da Praia Grandi
Eu queru cumprimentá
Uma boa noiti pru Eduardu
Um abraçu pru seu Durvó*

PARTE IV



BREVE APRESENTAÇÃO

A parte final deste livro procura provocar risos e gargalhadas aos amigos leitores por meio de situações inusitadas ocorridas nos xibas, com foliões e caçadores, contadas com riqueza de detalhes por Mestre Amélio Vaz.

Esses *causos* permanecem vivos na memória deste sábio que pode ser também considerado um grande artista caçara, ou seja, um teatro vivo, pois encena com muita vivacidade os trejeitos e as posturas das figuras envolvidas nas estórias enquanto familiares, amigos e vizinhos prestigiam-no nas conversas informais, tanto na sala ou na cozinha como no banquinho da rua Chácara da Saudade, onde se localiza sua humilde residência.

É possível sentir e vivenciar, exatamente como na época de tais acontecimentos, cada passagem escrita neste livro. A sobrevivência dos caçaras paratienses apesar de dura e dificultosa também proporcionava momentos divertidos e prazerosos, e assim amenizavam o contexto de pobreza e de miséria.

Por conta disso, Mestre Amélio Vaz dedicou esta parte de seu livro justamente a tornar a leitura ainda mais empolgante, prendendo a atenção dos amantes de boas estórias.

Pamela Vaz Rodrigues dos Santos
(neta de Mestre Amélio Vaz)



Capítulu 9

**CAUSUS DI PASQUIM: U NOIVU I
U DINHERU EM SANTUS**

Upasquim é causu, acontecimentu. Si a mulhé traía u maridu u cara botava nu pasquim. Qualqué acontecimentu qui havia i si era descobertu botava nu pasquim. Comu pur exemplu um cara qui ficô noivu i u versu era assim:

Meu amigu ficô noivu,
empregadu du Manecão.
U dinheru qui troxi di Santus,
eu contei foi cincü tostão,
troxi uma calça qui eu vi i uma camisa zefir,
um paletó du patrão.

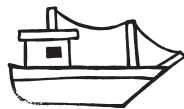
Então, qué dizê, é um versu di pasquim qui era chamadu di testamentu di Juda. U Juda dexava.

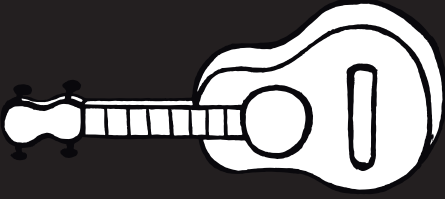
Uma veiz u meu tiu até botô um versu assim:

Povu da Praia Grandi
Eu queru cumprimentá
Uma boa noiti pru Eduardu
Um abraçu pru seu Durvá

Também uma veiz eu fiz um pasquim di versu i deu uma briga danada, mais u cara mi dexô di fora, dissi qui não tinha sidu eu. Não adiantava fazê nada escondidu, porque na época du Juda, Sexta-feira da Paixão, descobria tudu i alguma cousa dava briga.

U tal di Tarituba
Qui diz sê um bom rapaiz
Já faiz cousa nessi mundu
Qui otu homem não faiz
Arrumô um casamentu
Com uma tal di M. Tomaiz
A tal di M. Tomaiz
Já faiz mais di uma semana
Iscreveu pru maridinho
Um tal di Pirez da Gama
Qui nu capão da tajuba
Com u tal di Tarituba
Já tem mais di vinti cama
Porém, não é cama boa
Porque foi feita nu matu
Forrada di gorpiá
Japeganga i aranha gatu
Cercada di mucuim
Pernilongu i carrapatu.





Capítulu 10

CAUSUS DI FOLIÃOS

FOLIÃO I A PAMONHA

Um certu dia, um mestri posandu em uma casa, qui tinha pur apelidu di Mané Gatu, ouvindu a dona da casa ralandu milhu, dissu pru companheru:

– Hoji a mistura du café é boa! É pamonha...

Quando amanheceu u dia, si levantaram i foram tomá café, i nada di pamonha. Aí, nu agradecimentu du posu, eli retrucô i dissu:

– Agradeçu u bom café, mais esquecesti da pamonha.

Aí, alguém miô:

– Miau!

U mestri então respondeu:

– Mi chamaram di Mané Gatu, mais não arranhei u... da mãe.

FOLIÃO I U MILAGRI DI SANTA CRUIZ

Otru dia, essi memu folião com a bandera di Santa Cruz, indu pra canturia ismolandu pra festa, passô numa casa i u donu contô uma istória di um acontecimentu.

A mulhé tinha caídu i dadu um corti muito grandi na coxa i queria pagá uma promessa di Santa Cruz i qui u folião fizessi um versu.

U versu foi ditu da seguinti manera:

Milagri di Santa Cruz
Em qualqué lugá si acha
Pagandu vossa promessa
Pra tampá a sua racha.



FOLIÃO I U TEMPU DI CHUVA

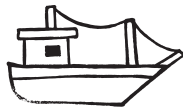
Dus caiçara saíram grandis mestrís foliãos qui ficaram famosus. Quandu si encontravam bons mestrís, amarrava a fita da bandera pra desmanchá em versu. U qui fossi melhó vencia.

Nessas andança, um folião posô com seus componentí numa ilha. Na casa du posu, muita chuva, eli exclamô:

– Comu nós vamu pra terra?

U otru respondeu:

– Ir a gente vai, u diabu é a bandera!



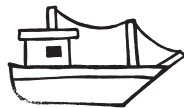
FOLIÃO I U PATU

Um dia, um mestri folião, cantandu na sala
duma casa, agradecendu u posu, viu um
patu passandu du otru ladu da cozinha i
cantô um versu:

– Oh, qui bonitu patu pra nós almoçá!

Aí, respondeu u contramestri:

– U mestri cantandu aqui enxergô u patu lá?



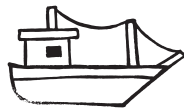
FOLIÃO I U VERSU

Um certu dia um folião di Angra chegô na casa di otu folião na Barra Grandi i quandu u contramestri entrô, acertô a viola i eli já tava cantandu assim:

– Meu Jesus crucificadu, com u corpu cobertu di sangui!

Aí u donu da casa qui era grandi folião dissi qui u contramestri não rematava u versu, porque não tinha rima pra sangui. Aí a caxa repicô treis vezis i eli respondeu:

– É um Deus tão paciêti, não há nada qui lhi zangui.

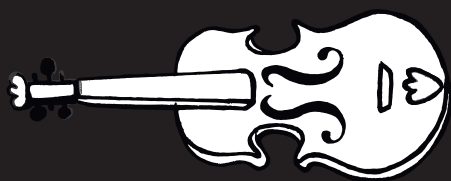


FOLIÃOS, DUAS BANDERA I A FITA

Minha mãe contava qui num certu dia, em Praia Grandi, encontrô-si duas bandera: Divinu Espíritu Santu i Nossa Senhora da Conceição di Angra. U folião di Angra era João Marcolinu i di Paraty era Virgulinu.

Amarraram a fita das duas bandera i foram pra desatá em versu. Virgulinu perdeu porque feiz versu di tudu, mais esqueceu di versá as *caraveia* da viola. Então João Marcolinu ganhô u debati em versu.





Capítulu 11

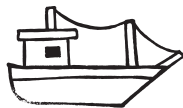
CAUSUS DI CAÇADÔ

CAÇADÔ DI VEADU: A GRANDI CAÇADA

Um certu dia tevi uma grandi caçada, num certu lugá. Istu foi num sábadu i a noiti tinha xiba. Mais botaram um grandi atiradô famosu pra tomá conta di um poçu qui era caidô di veadu. U homem atirô i errô. A caçada acabô. À noiti nu xiba, um mestri cantadô já tinha feito um poema, qui dizia assim:

Aquela nossa caçada
Veja nu qui si aparô
Mi fizeram caçada
Eu não sô atiradô
U bichu chegô di topu
U homem si atrapalhô
Deu um tiru na lagoa
Qui até u pelu abaiô

Aí, deu uma grandi confusão. U caçadô si zangô i foi embora com a mulhé.



CAÇADÔ I U CAROÇU NU PESCOÇU

U caçadô i u pescadô, cada um tinha um caroçu nu pescoçu. U fazedô di pasquim feiz um versu assim:

Pimenta i Carlus Delfinu
Combinaram di viajá
Carlus Delfinu pur terra
Pimenta pelu mar
Viajaram um anu i seis meses
Não venderam u cambucá





Capítulu 12

CAUSUS DI XIBAS

DANÇADÔ I A ARANHA

Nu tempu da pobreza na roça, as casa eram todas di pau a pique i sapê. Quando us homem comprava sapatu pendurava na paredi. Em datas festiva o em tempu di xiba, us dançadô tirava u calçadu i levava nu ombrü pra calçá quando tava pertu di chegá nas casa.

Um dançadô di mazuca passô a cachoera i calçô u sapatu. Quando eli tirô a dama pra dançá, eli dissi:

– Zinha, vamu dançá a mazuca?

Quando eli deu u primeru passu, a aranha ferrô u dedu deli, aí eli gritô:

– Ai, ai, Zinha, mordeu um diabu nu meu pé!

Quando eli tirô u calçadu i viu, pulô uma aranha grandi. I eli foi embora i não dançô mais.

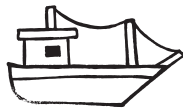


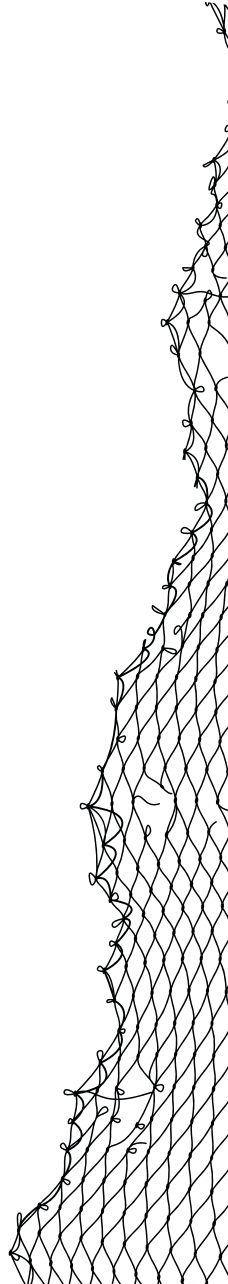
DANÇADÔ I A CALÇA CAÍDA

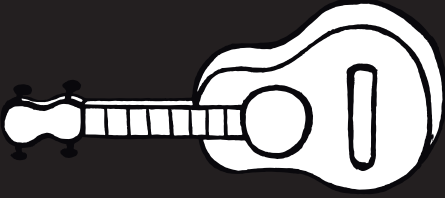
Papai contava qui uma veiz tevi um mutirão prum xiba i um violeru pobri veiu na cidadi i comprô um corti di mescla pra fazê uma calça. Foi trabalhá nessi mutirão i dexô a mulhé custurandu a calça na mão. Quandu voltô, tava pronta, mais não tinha u botão da braguilha.

Então, eli tomô banhu, vestiu a calça i amarrô com uma corda di banana i foi pru xiba. Enquanto eli tava nu bancu tocandu a viola i cantandu, tudu bem, mais quandu eli saiu na roda pra sapateá, a calça caiu, eli abaixô pra pegá i disse:

– Mulhé lá em casa qui sabi disseu!





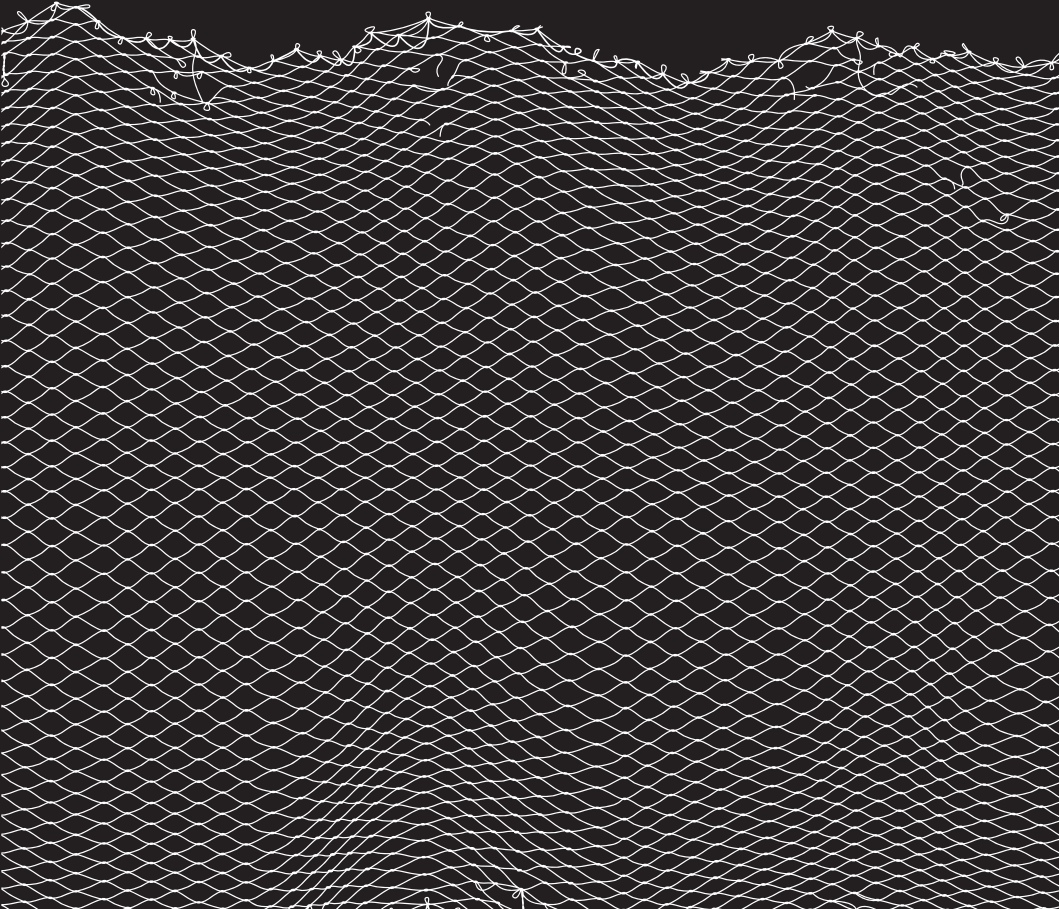


VIDA DI UM CAIÇARA: ASSIM ENCERRU MINHA ISTÓRIA

*Honradus amigus leitoris
Licença queru pedi
Queru cumprimentá
U povu di Paraty
Com us versu dessi livru
Vamu nus diverti.*

(Mestre Amélio Vaz)

PARTE V



AO MESTRE COM CARINHO E AMOR: A HISTÓRIA POR TRÁS DAS ESTÓRIAS

A memória de alguém muito querido e admirado deve ser mantida viva e compartilhada. A história de Mestre Amélio Vaz é exemplo que deve ser lembrado por sua autenticidade e alegria contagiantes.

Conhecido por muitas gerações paratienses, tem a sabedoria de vida caçara enraizada pelas vivências dos tempos de menino e de adolescente na roça. Cantorias e poemas o mantêm com sua memória jovem e firme para desbancar até os mais “letrados”.

A escrita deste livro é minha homenagem a essa figura tão presente e importante em minha vida. Assim como o pai o influenciou pelo gosto das cantorias caçaras e Folias de Reis, ele também me influenciou pelo gosto de mergulhar cada vez mais nos conhecimentos da cultura caçara.

Em 2012, escreveu seu primeiro livro intitulado *Histórias de minha vida*. Por meio de poemas, contou as estórias vividas na roça e algumas de suas sabedorias. Coube a mim coletar o material e à minha tia caçula, Silene, e seu esposo, Maurício, montar a estrutura. Livro impresso, sem patrocínio, Mestre Amélio saía pelas ruas de nossa cidade vendendo seu trabalho, sendo apreciado e elogiado por muitos leitores.

Mas a escrita de *Histórias de minha vida* não

havia se encerrado. Havia muito ainda a contar e compartilhar com seus leitores e admiradores. Por isso, certo dia, trabalhando em sua barraca na feirinha, junto com minha mãe, me veio a iniciativa de ampliar o conteúdo desta obra.

Em novembro de 2016, ele e eu demos início à escrita de seu segundo livro intitulado *Vida Caiçara: histórias i causos di Mestri Améliu Vaz*. Nele, procuramos contar, com riqueza de detalhes, suas estórias de vida, suas sabedorias e os *causos* ocorridos nas roças. Também mantivemos os poemas e inserimos fotos de uma época que não poderá ser vivida por novas gerações. Acreditamos que a leitura prenderá a atenção dos leitores, emocionando aqueles que viveram situações contadas por ele e aguçando a imaginação de gerações que não tiveram o privilégio de vivenciar sua simplicidade e humildade.

Enfim, a minha retribuição pelo carinho, pelo cuidado e pelo amor que Mestre Amélio, meu avô, tem por mim, além de minha avó, Maria da Glória. Redigir esta obra ainda é pouco. Tenho certeza de que apreendi o valor da sabedoria de um povo que sabe sobreviver com dignidade diante da escassez diária, além da importância de valorizar as origens culturais, sem se deixar influenciar por ranços de um estilo de vida que prioriza mais o ter do que o ser.

Obrigada, Mestre, pela honra de eu fazer parte de mais uma realização de seu desejo de compartilhar e manter registrada sua memória.

Sua neta,

Pamela Vaz Rodrigues dos Santos

MINHA MENSAGE FINAL AOS AMIGUS LEITORIS

A migus leitoris, eu queru dizê qui essa é a minha istória. Di um meninu pobri caiçara qui eu fui. Só contu essa istória porque a genti foi muito pobri. Morava em uma cabana di sapê mal-acabada, mais aprendi comu mestri di folia folclori i poesias com qui hoji terminu a narrativa da minha trajetória.

Escrevi essi livru pur intuição i as cousas qui passei. Nu folclori presença di muitas cousa i na istória aprendizadu. A maió força pra escrevê foi pur influência du povu. Bom, u livru tá escrito i a mensage não possu dizê, porque só us leitoris qui podi imaginá.



Amélio da Silva Vaz nasceu na Praia Grande (Engenho Velho), no sítio Coqueiro, em Paraty (RJ). Foi lavrador e pescador durante 30 anos, e assim sustentou a família. Foi casado com Maria da Gloria Cananéa Vaz da Silva, de 1957 a 2019. É pai de Ana Maria, Marina, Maiza, Maria Aparecida, Benedita e Silene. Avô de Carla, Maciel, Pamela, Luciana, Clara, Mateus, Júlia, Pedro e Nycolas.

Desde a infância acompanhou as festas tradicionais de Paraty (como a Folia de Reis, o jongo e a xiba) e assim aprendeu a tocar, tornando-se mestre. Essa influência é atribuída ao pai, Manoel Benedito de Alvarenga.

Entre 1985 e 2019, trabalhou em sua barraca na feirinha de Paraty, vendendo farinha de mandioca e outros produtos da terra. Fazia um delicioso pé de moleque, apreciado por muita gente, passando tal ensinamento para as filhas Marina, Maiza e para a neta Pamela.

Era detentor de conhecimento empírico e transmitia seus ensinamentos ao longo de suas vivências pessoais. Apesar de ter enfrentado inúmeras dificuldades de saúde, mantinha o bom humor e a força. Era uma criança num corpo de adulto.

É lembrado pelas filhas e pela esposa como o pescador em sua baleeira, voltando para casa com o alimento para cessar a fome da família. Pelos netos, como aquela figura de criança que brincava de pique-esconde e tornava a infância de todos mais colorida e divertida. Pelos amigos e vizinhos, como o cirandeiro que tornava as tardes mais ricas com os ritmos do pandeiro e do cavaco, além de ter sido presença constante nas Folias de Reis.

Era um homem que preservava a cultura e a história de Paraty. Era uma “biblioteca ambulante” e por meio deste livro deixará para a posteridade alguns de seus belíssimos versos registrados.



Ficha Técnica
Secretaria Municipal de Cultura de Paraty

Luciano de Oliveira Vidal
Prefeito

Izaques Merendas Cordeiro
Vice-prefeito

José Sérgio Barros
Secretário de Cultura

Andréa Souza Santos Maseda
Secretária-adjunta de Cultura

Equipe

Alerson de Souza Godoy
Camila Daruich da Gama Silva
Carmen Araújo Conti
Diego Lopes Salles
Dora Nice de Castro
Elaine dos Santos Toledo
Fabiano Silva de Lucena
Felipe Pádua de Souza
Geraldina de Jesus Braga
João Paulo dos Santos Alcântara
Juliana Rameck de Bulhões
Leandro Lucena Apolinário
Leda Maria Santilho
Luara de Araújo Marques
Marcilene Rodrigues de Paula
Marcos Maffei Jordan
Maria Aparecida da Conceição
Milton Batista de Jesus
Osmar dos Santos
Paula Cristina Fabricante do Nascimento Malvão
Paulo Victor Ramos Martins
Reinaldo de Azevedo Souza
Renato de Souza Leitão
Rosana Ribeiro Gonçalves
Samira Vieira Corrêa Pauferro
Tadeu Melchíades Filho



Neste livro, **Mestre Amélio Vaz** (1933-2019) conta e canta, em prosa e verso, mais de meio século de sua experiência e de seu trabalho, tanto na terra quanto ao mar, enfrentando as dificuldades e colhendo os resultados, valendo-se da sabedoria que recebeu e a repassando à geração seguinte: *um tudo* a celebrar, seja na devoção às Folias de Reis e do Divino, seja na festança dos bailes e cirandas. Sua maestria no versejar e no contar suas *istórias* e *causus* acaba por fundir nostalgia e alegria e, com sua atenção aos detalhes e à importância dada a todos os momentos do cotidiano, faz deste livro um raro depoimento e um retrato único do tradicional modo de vida caiçara em Paraty. A presente edição preserva as características do dialeto do autor e é acompanhada de ilustrações, mantendo fotos e depoimentos da edição anterior.



Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura



Paraty – Cultura e Biodiversidade inscrito na Lista do Patrimônio Mundial em 2019



Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura



Designada Cidade Criativa da Gastronomia da UNESCO em 2017

PARATY
CIDADE CRIATIVA
DA GASTRONOMIA



SISTEMA MUNICIPAL DE CULTURA DE PARATY

